

ESPECIAL

PÁSCOA: tradição, cultura e comércio

Pág. 18

- ✓ A Perspectiva Bíblica pascal. Pág. 28
- ✓ A Páscoa na Reforma Protestante. Pág. 34
- ✓ Calendário litúrgico e Ceia do Senhor. Pág. 40



NESTA EDIÇÃO

TESTEMUNHO: MARÍSIA DONATELLI | FÉ & CARREIRA: FERNANDO ATIQUE

VENHA ESTUDAR
TEOLOGIA
NA
FATIPI



A FATIPI – FACULDADE DE TEOLOGIA DE SÃO PAULO É UMA FACULDADE CENTENÁRIA E CONSTA ENTRE AS MELHORES INSTITUIÇÕES DE ENSINO TEOLÓGICO DO BRASIL, SEGUNDO O MEC.

POR QUE ESTUDAR NA FATIPI

- ✓ Bacharelado reconhecido pelo MEC;
- ✓ Mais de 30 polos do Curso EAD;
- ✓ Corpo Docente formado por Mestres e Doutores que são Pastores de igrejas;
- ✓ Consta entre as melhores instituições de Ensino Superior do Brasil;
- ✓ Capacitação a servir a Deus nos mais diferentes ministérios;
- ✓ Curso com profundo e sólido conhecimento da Bíblia, da história da Igreja e da Teologia

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EAD

- Capelania Cristã no Mundo Contemporâneo
- Bíblia: Pregação e Missão
- Cuidado e Aconselhamento Pastoral
- Revitalização de Igrejas

CURSOS DE EXTENSÃO EAD

- Cada Cristão um Evangelista
- Comunicação Digital e Missão
- Diaconia como Missão da Igreja
- Espiritualidade: em busca de plenitude
- Espiritualidade: Trabalho, Descanso e Dinheiro
- Exercendo o Presbiterato com Excelência
- Gestão Trabalhista e Previdenciária para Organizações Religiosas
- Igreja em Células
- Revitalização: liderança corajosa
- Secretariado na IPIB

BACHAREL EM TEOLOGIA
Presencial e EAD

PÓS-GRADUAÇÃO EAD
Lato Sensu

EXTENSÃO EAD
(Cursos livres com certificação)

FORMAÇÃO TEOLÓGICA
Formação pastoral e missionária

TEOLOGIA NA FATIPI: MAIS QUE ESTUDO,
CRESCIMENTO E VIDA COM DEUS



Instagram: @fatipi_fecp Facebook: Facebook.com/fatipi Youtube: youtube.com/FATIPIweb

WWW.FATIPI.EDU.BR

PÁSCOA: REFLEXÕES TEOLÓGICAS, LITÚRGICAS E CULTURAIS

Nesta edição especial da Visão, celebramos a Páscoa, um dos momentos mais significativos da fé cristã, que nos convida à reflexão sobre o sacrifício de Cristo e a vitória sobre a morte. A Páscoa é o coração da nossa fé, e nesta coletânea de artigos buscamos enriquecer nossa compreensão do evento a partir de diversas perspectivas teológicas e históricas.

O primeiro artigo, **“A Páscoa na Reforma Protestante”**, nos conduz a uma análise profunda de como a Reforma influenciou a celebração da Páscoa e sua centralidade no cristianismo, destacando sua importância como fundamento da fé protestante. Serão abordadas as reflexões de Martinho Lutero e João Calvino sobre o significado da morte e ressurreição de Cristo, que são o cerne da salvação, conforme ensina a Escritura em **1 Coríntios 15:3-4**.

Em seguida, **“A Páscoa na Perspectiva Bíblica”** oferece uma visão abrangente do evento a partir da Palavra de Deus. Este artigo explora o significado da Páscoa como

o cumprimento das promessas de Deus, refletindo sobre passagens-chave como **João 11:25-26**, onde Jesus se declara a ressurreição e a vida, e **Mateus 28:5-6**, que celebra sua vitória sobre a morte, trazendo esperança para todos os crentes.

O artigo **“Páscoa: Calendário Litúrgico e a Ceia do Senhor”** analisa a inserção da Páscoa no calendário litúrgico e seu papel como marco fundamental na jornada de fé da Igreja. Refletimos sobre a importância de celebrar a Páscoa não apenas como um evento histórico, mas também como uma prática anual que nos convida a viver a esperança da ressurreição todos os dias, conforme ensina **1 Pedro 1:3**.

Por fim, o artigo principal, **“Páscoa: entre Tradição, Cultura e Comércio”**, explora as diferentes formas de celebrar a Páscoa, desde práticas religiosas e culturais até sua adaptação no contexto comercial, refletindo sobre a secularização e a resignificação da data na sociedade moderna.

Que a ressurreição de Cristo nos inspire a viver em sua luz, com alegria e esperança renovadas, até que Ele venha.

REV. REGINALDO VON ZUBEN
Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo



“Jesus morreu. Isto não é o fim. Ele ressuscitou!”. O âmago do evangelho de Cristo se encontra nestas afirmações. Sem cruz, morte e ressurreição, Jesus se torna um grande benfeitor, cidadão ético, plenamente altruísta, num mártir, mas não o Senhor sobre todas as coisas e o Salvador do mundo. Sem cruz, morte e ressurreição de Jesus não há transformação de vida, não há Páscoa, não há vida eterna. Rev. Reginaldo von Zuben

Transforme vidas com um simples gesto.

Uma única doação de sangue pode salvar até quatro vidas.



Esse ato de solidariedade é capaz de mudar o destino de pessoas em momentos críticos. Doe sangue hoje e seja a esperança que alguém precisa.

www.prosangue.sp.gov.br



ampér.

28



40



18



06



Jornal da Catedral Instalação dos lustres pendentes nas galerias e no átrio para o aniversário de 160 anos da Catedral.	06
Testemunho Conheça a trajetória de Marisia Donatelli, membro da Primeira Igreja e ex-CEO da Associação Cristã de Moços.	14
Capa Entre tradição, cultura e comércio: Rev. Leonildo Campos fala sobre a secularização da Páscoa.	18
Estudo Bíblico A Páscoa na perspectiva bíblica: reflexões sobre libertação e vitória à luz da Palavra.	28
Fé reformada A Páscoa e a Reforma Protestante: significados e reflexões teológicas sobre a fundamentação da fé.	34
Tradição Páscoa: calendário litúrgico e Ceia do Senhor. A igreja celebra a história da salvação em Jesus Cristo.	40
Devocionais Textos para reflexão sobre: processo de libertação e os três ofícios de Cristo.	48
Fé & carreira Arquiteto, músico e pró-reitor da UNIFESP, Fernando Atique fala sobre fé e a atuação como pesquisador.	52
Resenhas Sugestões do presbítero e licenciado Felipe Courel.	58

SUMÁRIO



EXPEDIENTE

A **VISÃO** é uma publicação da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

CONSELHO EDITORIAL

Rev. Reginaldo Von Zuben,
Rev. Silas de Oliveira,
Rev. Lucas Gaiofato Sacco
Presb. Italo Francisco Curcio
e Presb. Dorothy Maia

PRODUÇÃO EDITORIAL

ContentXP Comunicação Ltda.



EDITOR Gustavo Curcio M7b 0076428/SP

REDAÇÃO:

Dorothy Maia (texto e revisão)
e **Gustavo Curcio** (texto e arte)

11 2619.0752

Endereço: Alameda Lorena, 800 |
Cj.602 São Paulo
| SP | Brasil | CEP 01424-000

Impressão: Gráfica Hawaii
Tiragem: 500 exemplares

Se você tem críticas e/ou sugestões,
envie um e-mail para comunicacao@atedralonline.com.br

CATEDRAL EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

Rua Nestor Pestana, 152, Consolação
— São Paulo | SP 01303-010 |
BRASIL | Tel.: 00 55 11 3138.1600



www.catedralonline.com.br

EFEMÉRIDE

Primeira IPI de São Paulo celebra 160 anos!



A Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo celebra, em 2025, 160 anos de vida. Que alegria! Quantas bênçãos esta igreja, que hoje também é conhecida como Catedral Evangélica de São Paulo, tem recebido do Senhor por mais de um século e meio! Organizada em 5 de março de 1865, pelo missionário norte-americano Reverendo Alexander Latimer Blackford, durante 38 anos, ocupou espaços no centro da cidade de São Paulo. De uma pequena comunidade de 18 membros que se reuniam na casa do Rev. Blackford na Rua Nova de São José – atual Rua Líbero Badaró –, mudou para seu próprio templo na Rua de São João e depois para a Rua 24 de Maio. Foi a segunda igreja presbiteriana organizada no Brasil e a primeira no Estado de São Paulo.

Para celebrar esta data memorável, o culto de gratidão e louvor a Deus, realizado no dia 9 de março, foi marcante e festivo, com realização da Ceia do Senhor, presença de representantes de igrejas-filhas, belos hinos entoados pelo coro e congregação, acompanhados por conjunto de metais. Membros, convidados e visitantes compareceram para, em comunhão, dar graças a Deus pelos seus grandes feitos na Primeira Igreja.



ALLISON DE CARVALHO

Outras iniciativas marcaram a celebração do aniversário no mês de março: as aulas da Escola Dominical abordaram assuntos relacionados à Primeira Igreja sob o tema “160 anos: 1ª Igreja, ontem e hoje – arquitetura, história e atualidade”. O Rev. Silas de Oliveira, pastor auxiliar, o Presbítero Gustavo Orlando Fudaba Curcio, o Rev. Gerson Correa de Lacerda e o Rev. Leontino Farias dos Santos compartilharam conhecimento bíblico e teológico sobre a relação de Deus com sua igreja, ligação entre arquitetura e reverência, ameaças sofridas pela Igreja no século XXI e protestantismo brasileiro e o surgimento da 1ª IPI de São Paulo. Crianças, adolescentes, jovens e os membros do Ministério Unidade (de pessoas não casa-

das) também manifestaram gratidão em cultos de louvor com liturgia apropriada. “É com alegria que percebemos a igreja mobilizada para celebrar os 160 anos de organização. Deus tem manifestado seu amor para com a Primeira Igreja, e precisamos reconhecer isso com entusiasmo”, afirma o Rev. Reginaldo von Zuben, pastor titular e presidente do Conse-

lho. Confiante na providência divina e no amor para com seus filhos e filhas, a Primeira Igreja segue com sua Visão – “Viver no amor de Cristo para a glória de Deus” – cumprindo sua Missão – “Adorar a Deus, crescer em comunhão e servir ao próximo cumprindo a missão do Reino”, rumo ao segundo centenário. Soli Deo Gloria! ■



HOMENAGEM

No culto do dia 23 de março, o secretário-geral da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Rev. Wellington Barboza de Camargo, entregou à Primeira Igreja uma placa com os seguintes dizeres: “Homenagem e gratidão a Deus pelos 160 anos da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, com reconhecimento da sua Assembleia Geral por ter escrito a história do presbiterianismo em São Paulo e no Brasil, tornando-se Casa de Oração para todos os povos”. A mensagem foi assinada pelo Rev. Sérgio Gini, presidente da Assembleia Geral. Este gesto representa um importante reconhecimento da denominação à contribuição da Primeira Igreja ao longo de seus 160 anos de história.



CULTO CONTEMPORÂNEO

Como parte das comemorações do 160º aniversário da Primeira Igreja, os Ministérios de Jovens e Adolescentes, juntamente com o Ministério Unidade (voltado para adultos não casados), realizaram um culto de louvor e gratidão a Deus. Com um horário diferenciado — às 18h —, a liturgia contemporânea contou com cânticos acompanhados por banda, uma encenação alusiva à mensagem do Rev. Lucas, intitulada “Igreja que avança gerações”, e a participação do Coro Maestro João Wilson Faustini. O culto aconteceu no templo, repleto de entusiasmo e sincera gratidão.

ARQUITETURA

Lustres neogóticos monumentais



A Catedral Evangélica recebeu uma importante melhoria estética e arquitetônica. Recentemente, foram instalados três lustres pendentes monumentais nas abóbadas ogivais da entrada do templo, completando o projeto original que previa peças neogóticas compatíveis com a grandiosidade da construção. Sete décadas após a inauguração do templo, a instalação dos lustres foi viabilizada por meio da doação de um fiel membro da comunidade, responsável também por garantir outros quatro lustres pendentes na parte interna do templo — três na galeria e um sobre o “braço da cruz”. O lustre central, com cerca de 2 metros de altura, se destaca e impressiona os visitantes pela sua imponência. O projeto dos lustres foi elaborado há 12 anos pelo presbítero e arquiteto Gustavo Curcio, em celebração ao sesquicentenário da Primeira Igreja. As peças foram fundidas e forjadas à mão pelo artesão Almir Machado, da Estação Ferro Battuto, que tem sede em Itu, interior de São Paulo. A instalação aconteceu sob a coordenação do presbítero Gilson Coutinho, administrador da Catedral. Expressamos profunda gratidão a Deus pelo espírito de contribuição entre os membros da comunidade, que possibilitou o embelezamento e a conclusão desse importante projeto para o templo agora, por ocasião do aniversário de 160 anos de nossa igreja. ■



Vista inferior de luminária instalada no átrio do templo.



Vista das peças instaladas na galeria principal.

DIVULGAÇÃO

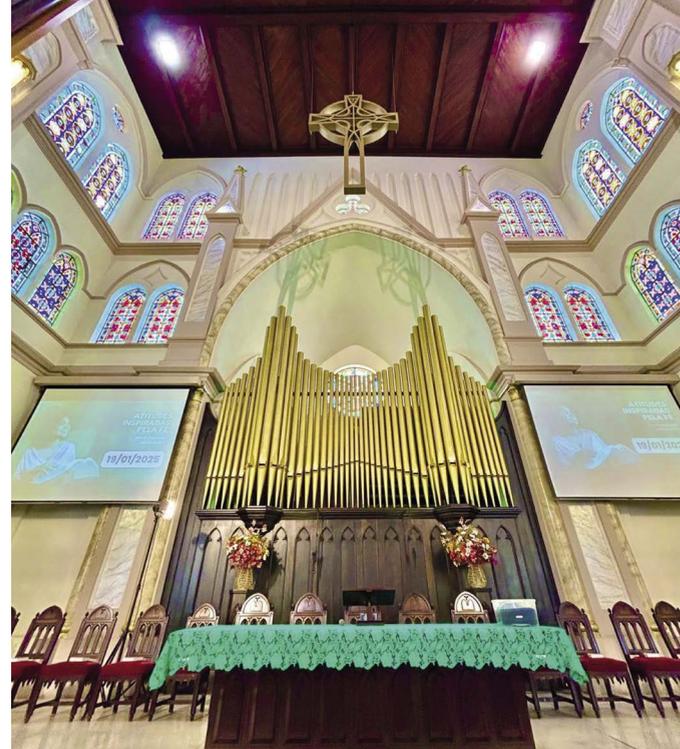


NÚMERO DA EDIÇÃO

22 são os ministérios da Primeira Igreja

Desde a igreja primitiva, mencionada lá nos Atos dos Apóstolos, se fez necessária a instituição de uma estrutura organizacional para que houvesse crescimento e serviço de qualidade na missão deixada por Jesus Cristo. Portanto, desde sempre a Bíblia nos ensina como ser igreja também no aspecto institucional. Há mais de duas décadas a Primeira Igreja está organizada em Redes e Ministérios, e na reunião de planejamento realizada em fevereiro de 2025 (veja box) esta formação foi reapresentada, visando esclarecer e conscientizar a liderança a fim de que haja expansão e desenvolvimento qualitativo da igreja.

As atividades e ações da Primeira Igreja estão estruturadas em **4 Redes e 22 Ministérios**. Os pastores – Revs. Reginaldo von Zuben, Silas de Oliveira e Lucas Gaiofatto Sacco – e o licenciado Felipe Courel Cury têm sob sua tutela um grupo de ministérios, reunidos por afinidade de ação. Veja no quadro abaixo como a Primeira Igreja está organizada



Além das Redes e dos Ministérios, a Primeira Igreja é administrada por meio de seu Conselho, o qual, por sua vez, está dividido em Comissões. Cada Comissão ocupa-se de uma área. Veja como:

Comissão de Governo; Comissão de Música, Liturgia e Eventos; Comissão de Administração e Finanças e Comissão de Rol de Membros.

Além de todas estas instâncias, há o Grupo Shalom, que reúne representantes do Conselho e do Ministério de Ação Social e Diaconia da Primeira Igreja e dos Conselhos Curadores das Fundações Presbiteriana de São Paulo e João Alves Galhardo para decidir sobre a ação social destas instituições. ■



DIVULGAÇÃO

SISTEMA REPRESENTATIVO

Como denominação protestante, de confissão reformada e calvinista, a Primeira Igreja tem sistema de governo representativo e faz parte da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. A IPIB é uma federação de igrejas locais que, embora tenha personalidade jurídica própria, estão jurisdicionadas aos concílios a que pertencem. Cada igreja tem o seu concílio (colegiado), chamado de Conselho, que é constituído por representantes (eleitos) da membresia e presidido pelo Pastor titular. As igrejas geograficamente próximas formam um concílio maior denominado Presbitério. Os Presbitérios compõem Sínodos, e estes compõem a Assembleia Geral, que é o concílio maior da Igreja Presbiteriana Independente, ramo do cristianismo que se governa, sustenta e propaga por si mesmo.

PLANEJAMENTO 2025-2026



No dia 22 de fevereiro, a liderança da Primeira Igreja reuniu-se para tratar do Planejamento 2025-2026. Pastores, presbíteros, diáconos e coordenadores de ministério separaram um tempo para pensar a igreja e estabelecer plano de ação para os próximos dois anos. Antes da reunião os líderes participaram de um café comunitário.



- Ministério do Acolhimento
- Ministério da Oração
- Ministério da Decoração
- Comissão de Música



- Ministério de Crianças e Adolescentes
- Ministério de Jovens e Adolescentes
- Ministério de Casais
- Ministério de Mulheres
- Ministério Unidade
- Escola Dominical



- Ministério de Ação Social e Diaconia
- Despertar da Família
- Ministério de Visitação



- Conselho
- Comissão de Administração e Finanças
- Comissão de Governo
- Comissão de Música
- Comunicação
- Ministério de Evangelização
- Grupo Shalom
- Catedral Online

EQUIPE PASTORAL



Rev. Reginaldo von Zuben



Rev. Silas de Oliveira



Rev. Lucas Gaiofatto Sacco



Lic. Felipe Courel Cury

EXPOSIÇÃO

Exposição coloca em evidência edifícios históricos da cidade de São Paulo

É IMPOSSÍVEL COMPREENDER AS CAMADAS QUE COMPÕEM A FORMAÇÃO COMPLEXA DE SÃO PAULO SEM CONSIDERAR A VALIOSA CONTRIBUIÇÃO DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS. MUITO ALÉM DA EFETIVA VIABILIZAÇÃO TECNOLÓGICA PROPICIADA PELA INSTITUIÇÃO, INDISPENSÁVEL PARA A CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO E ARTÍSTICO DA METRÓPOLE, O LICEU TEM EM SEU DNA OS MAIS NOBRES DOS PRINCÍPIOS: INSTRUIR, CAPACITAR E COMPARTILHAR CONHECIMENTO.

A educação técnico-profissional foi o principal objetivo da Sociedade Propagadora de Instrução Popular, criada no ano de 1873, em São Paulo, *alma mater* do Liceu.

Esta exposição traz uma contribuição histórica, um olhar para o passado e para o presente, para os 150 anos de experiência de uma instituição que nasceu diretamente comprometida com a plena realização da ideia de transformação das condições e estilo de vida na cidade, com a formação de mão de obra para São Paulo e para o Brasil. Curiosamente, o Rev. George Chamberlain, segundo pastor titular da Primeira Igreja, integrou o conselho superior do Liceu em sua primeira formação, por ocasião de sua instituição.

A mostra apresenta, num jogo de escalas, a grandiosidade de componentes artísticos que muitas vezes passam despercebidos pelo observador apressado que perambula pela cidade. Revela espaços e ambientes jamais acessíveis ao cidadão comum, em edifícios erguidos graças à excelência das artes e ofícios desenvolvidos e propagados pelo Liceu. A curadoria é do presbítero Prof. Dr. Gustavo Curcio, docente e pesquisador da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ao lado da historiadora Fernanda Carvalho.



O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, fundado em 1873, é uma instituição filantrópica dedicada ao ensino gratuito e de excelência. A exposição “Em Escalas” apresenta registros fotográficos de edifícios históricos de São Paulo e detalhes ocultos das alegorias presentes nas construções. A proposta expositiva destaca a contribuição dos mestres do Liceu em artefatos de marcenaria, serralheria e escultura, com imagens do acervo e espaços raramente acessados, como o Tribunal de Justiça e a Faculdade de Direito da USP. A exposição também oferece uma experiência interativa, com monóculos vintage e binóculos para observar detalhes da arquitetura do próprio CCLAO.

DIVULGAÇÃO



EXPOSIÇÃO EM ESCALAS

retratos do Liceu na cidade de São Paulo”
 Abertura: 24 de agosto de 2024, sábado, das 13h às 17h. Visitação: Aberta até junho de 2025 | Terça a sábado | 12h30 às 17h (entrada gratuita). Domingo (para grupos previamente agendados).
 Local: Centro Cultural do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Rua da Cantareira, 1351, Luz, São Paulo – SP. Site: www.cclao.com.br



Como parte das comemorações do sesquicentenário do Liceu, em dezembro de 2023, foi lançado, no Centro Cultural Liceu de Artes e Ofícios, o livro “Liceu 150 Anos – Missão Excelência”. A publicação de 264 páginas é fruto de pesquisa acadêmica conduzida pelo Prof. Dr. Gustavo Curcio, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, no Laboratório da Imagem, sob sua coordenação e da Profa. Dra. Clice Mazzilli, ambos docentes e pesquisadores no campo do Design Visual. A pesquisa com o título “Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: uma Escola de Design” iniciou-se em 2022. Este trabalho teve a valiosa contribuição de outros dois pesquisadores, o arquiteto Prof. Dr. Fernando Atique, pró-reitor de pós-graduação da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, e a filósofa e professora titular da FAUUSP, Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos.

Um levantamento minucioso sobre a contribuição do Liceu para a transformação de São Paulo na metrópole pujante que conhecemos foi realizado com a colaboração da pesquisadora e jornalista Dra. Alexandra Gonsalez. A partir de extensa pesquisa bibliográfica, visita a acervos históricos, trabalho de campo em edifícios e monumentos e uma estreita relação com a pesquisadora Fernanda Carvalho, responsável pelo acervo histórico do Liceu, obteve-se uma lista de obras cuja construção foi viabilizada graças ao know-how desenvolvido e praticado pela instituição.

Assim, finalmente, tem-se um panteão de obras-primas erguidas com esmero e dedicação dos profissionais do Liceu que seguem essenciais para diferentes setores da cidade, em diferentes regiões, produzidas em épocas e sob estilos arquitetônicos variados. Cada uma das obras a seguir gentilmente concordou em ceder seus espaços para os registros fotográficos e a composição do documento histórico publicado.

1. Pinacoteca do Estado de São Paulo
2. Teatro Municipal de São Paulo
3. Edifício London & River Plate Bank
4. Palácio dos Correios e Telégrafos
5. Palácio das Indústrias
6. Edifício Alexandre Mackenzie
7. Instituto Biológico
8. Faculdade de Medicina USP
9. Palácio da Justiça
10. Monumento Ramos de Azevedo
11. Estação Júlio Prestes
12. Faculdade de Direito USP
13. Esculturas da Galeria Prestes Maia
14. Edifício Altino Arantes
15. Catedral da Sé
16. Monumento Duque de Caxias
17. Museu de Arte de São Paulo
18. Noite, Dia, Aurora e Crepúsculo
19. Edifício FIESP-CIESP-SESI
20. Centro Cultural Liceu de Artes e Ofícios

E-BOOK

A exposição trouxe, ainda, o lançamento da versão digital do **Liceu 150 Anos – Missão Excelência**. Interativa, gratuita e acessível, a publicação poderá ser acessada remotamente pelo QR-Code ao lado.



ESPERANÇA NO FUTURO

DE JOVEM SONHADORA A EXECUTIVA, MARÍSIA DONATELLI PASSOU 63 ANOS DEDICANDO SUA VIDA À ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, SEMPRE COM O BRILHO NOS OLHOS E A CONVICÇÃO DE QUE SUA MISSÃO ERA MAIOR QUE UM SIMPLES TRABALHO.

Texto **Dorothy Maia**

Uma jovem menina, com uniforme escolar e olhos cheios de sonhos, entra no escritório da Associação Cristã de Moços (ACM) acompanhando uma amiga, que iria concorrer a um trabalho. Em um instante, ela também se vê contratada e encantada com a possibilidade de um futuro promissor. A história de Marísia Donatelli é uma verdadeira jornada de dedicação, fé e superação, que se estende por 63 anos. Hoje, mulher, mãe, avó e executiva, Marísia continua saindo pela mesma porta que entrou, agora sem o uniforme escolar, mas com o mesmo brilho nos olhos de quando era jovem. Sua trajetória na ACM é um exemplo de comprometimento com o ser humano, seu trabalho e sua missão de vida. ■

“Nunca foi um emprego, mas uma missão. A vida é um dom que Deus nos oferece, e a única coisa que Ele pede em troca é que sejamos instrumentos para construir um mundo melhor.”

ÁLBUM DE FOTOS

Na página ao lado, durante momento devocional da sede da ACM e ao lado dos netos.

FOTOMONTAGEM | ACERVO PESSOAL | LEONARDO.AI

UMA FAMÍLIA COM DETERMINAÇÃO

Marísia nasceu em uma família simples, mas cheia de valores. Seus pais, Otávio Donatelli e Maria da Graça Mendes, eram descendentes de italianos e portugueses, e desde cedo ensinaram aos filhos a importância do trabalho e da dedicação. **“Meu pai era um homem humilde, sem formação acadêmica, mas com uma sabedoria adquirida através da leitura e da experiência da vida”**, conta. Em meio a fundições e fornos, ela cresceu aprendendo o valor do trabalho e da educação, sendo incentivada por seu pai a buscar sempre o conhecimento.



DIRETORIA Marísia ao lado dos membros da diretoria da ACM.



Trajetoira de fé

O ENCONTRO COM A ACM

A ACM entrou na vida de Marísia quase por acaso. Aos 16 anos, acompanhando uma amiga em busca de uma vaga, ela foi convidada a participar do processo seletivo. Apesar de ser menor de idade, conseguiu ser contratada e iniciou sua jornada em um ambiente que ela tanto amava: esportes, atividades recreativas e crianças. **“Adorava o clima de alegria da ACM, e logo me vi trabalhando com as crianças, brincando, organizando campeonatos e atividades”**, relembra. Em paralelo, Marísia se dedicava aos estudos, buscando se tornar uma executiva da ACM, o que a levou a participar de um programa de formação para

dirigentes da instituição.

A JORNADA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Com dedicação, Marísia conciliava seus estudos na Faculdade de Economia com a formação oferecida pela ACM. **“Fazia malabarismo para dar conta de tudo, mas minha paixão pela ACM era tão grande que nada parecia ser um esforço.”** O trabalho voluntário nas horas vagas, os programas sociais e os campeonatos eram apenas algumas das formas pelas quais ela se entregava ao seu propósito de vida. Ao longo dos anos, seu compromisso com a ACM foi reconhecido, e ela se tornou uma das principais líderes da instituição, tanto em nível local quanto nacional.

FÉ, FAMÍLIA E DESAFIOS PESSOAIS

Marísia vem de uma família cristã, mas foi na ACM que ela encontrou um compromisso mais profundo com sua fé. A prática da oração, do louvor e do estudo da Bíblia se tornaram parte fundamental de sua vida. **“Foi na Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo que encontrei o alimento para minha alma”**, diz. Sua fé foi testada em momentos desafiadores, como a perda de sua filha Ariane, que faleceu aos 30 anos. **“Foi um momento de dor e dúvida, mas também de fortalecimento da minha fé”**, compartilha.

Mesmo diante da tragédia, Marísia se viu inspirada a ajudar os outros e transformar a dor em uma missão de vida.

LEMBRANÇAS Na foto à esquerda, ao lado de lideranças internacionais. À direita, abraçando a secretária Cleuza e, logo abaixo, ao lado do genro, filhas e netos.

Um Legado de Amor e Esperança

Ao longo de sua vida, Marísia construiu uma linda família, com três filhas e três netos, que considera seu maior presente. Em 3 de fevereiro, depois de 63 anos de dedicação à ACM, ela se despediu da instituição, saindo pela mesma porta por onde entrou, com a gratidão de uma vida inteira de experiências.

“Nunca foi um emprego, mas uma missão. A vida é um dom que Deus nos oferece, e a única coisa que Ele pede em troca é que sejamos instrumentos para construir um mundo melhor”, reflete.

Agora, com a aposentadoria, Marísia se dedica ao trabalho voluntário, não só na ACM, mas também em outros grupos. **“Vislumbrar o futuro é o que me dá esperança”**, afirma, com a mesma convicção de quando começou sua jornada, há 63 anos. A frase de Jeremias 3:21: **“Quero trazer à memória o que pode me dar esperança”**, resume sua filosofia de vida, sempre movida pela fé, pelo amor ao próximo e pela busca de um mundo mais justo.



PÁSCOA: ENTRE TRADIÇÃO, CULTURA E COMÉRCIO

ESTE ARTIGO EXPLORA AS DIFERENTES FORMAS DE CELEBRAR A PÁSCOA, DESDE PRÁTICAS RELIGIOSAS E CULTURAIS ATÉ SUA ADAPTAÇÃO NO CONTEXTO COMERCIAL, REFLETINDO SOBRE A SECULARIZAÇÃO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA DATA NA SOCIEDADE MODERNA.

Texto **Leonildo Silveira Campos**

Iniciamos este artigo citando uma experiência própria. Em 2019 nós, minha esposa e eu, estávamos nos dias da “Semana Santa” da Igreja Ortodoxa, na Bulgária, na casa de nossa filha, cujo ex-marido é de tradição cristã oriental. Ali tivemos algumas surpresas. A primeira delas é que a Páscoa ortodoxa ocorre em data diferente da nossa. O calendário litúrgico deles é baseado no calendário juliano, mas o nosso é gregoriano, em vigor desde o ano de 1582. A nossa Páscoa já tinha ocorrido na semana anterior. Naquele ano tivemos duas páscoas, uma no Brasil e outra no Leste Europeu.

Na sexta-feira, nossos dois netos, juntos com

o pai, pintavam com entusiasmo ovos de galinha, já cozidos, com cores diferentes, os quais deveriam ser quebrados e comidos somente no domingo. Um ovo foi pintado de vermelho para representar o sangue de Cristo, esse não é comido. Uma outra surpresa: no domingo de manhã, as pessoas, ao se encontrarem, não se saúdam dizendo “bom dia”. Uma pessoa diz em búlgaro “Cristo ressuscitou” e a outra pessoa responde “sim, Ele ressuscitou”. Recebemos essa saudação de um simpático casal no elevador, porém, ficamos sem saber o que eles falaram. Supondo ser bom dia, pagamos um “mico” respondendo-lhes com um entusiasmo *good morning*. ■

IMAGEM GERADA POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL | APPLIEDNARDO.AI



Origens da Páscoa cristã e suas tradições

Como vimos em outros artigos deste número de **Visão**, a festa cristã da Páscoa tem as suas raízes na festa judaica, que relembra a libertação da escravidão no Egito, assim como também na alegre reunião dos cristãos no primeiro século, no domingo, para comemorar a paixão, morte e ressurreição de Cristo. Foi somente no Concílio de Niceia (325), que a Igreja fixou uma data anual para essa comemoração, tomando como referência a Páscoa judaica. Também naquele Concílio ganhou formatação o Credo dos Apóstolos com expressões referentes a Jesus: “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à

mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia (...)”. As maneiras de se comemorar a Páscoa não foram fixadas, o que resultou, nos séculos posteriores, em modificações na Páscoa cristã, que se adaptou a várias culturas e deu origem a tradições locais.

INCORPORAÇÃO DE ELEMENTOS PAGÃOS NA PÁSCOA OCIDENTAL

Assim, ao longo dos séculos, no Ocidente, a festa da Páscoa incorporou traços culturais de práticas pagãs. Entre elas, o ovo e o coelho, que vieram da deusa da primavera, Ostera, representada em gravuras por uma bela mulher observando um coelho enquanto mantém um ovo em uma das mãos. O ovo é

o símbolo da fertilidade e o coelho representa o renascimento das plantas e a ressurreição da vida depois do rigoroso inverno do hemisfério norte. Esse culto era praticado por vários povos, antes mesmo do cristianismo, e fazia parte da mitologia germânica e anglo-saxã. No culto à deusa, na chegada da primavera, seus adoradores ofertavam ovos cozidos e coloridos, a fim de terem colheitas fartas, resultantes das sementes lançadas à terra após o inverno. A primavera era, portanto, o início de uma nova vida. Todas essas imagens eram um convite aos cristãos para ressituarem a ressurreição de Cristo e o início de uma nova vida numa versão das festividades da primavera.

A PÁSCOA NO BRASIL

Quando examinamos as diversas comemorações da Páscoa, podemos fazer uma avaliação de nossa forma brasileira de comemorá-la. Na verdade, temos diferentes formas de comemorar a Páscoa em nossa sociedade, inclusive sem crença no Cristo ressurreto. Uma delas podemos chamar de “Páscoa religiosa”, que segue a tradição cristã acumulada por quase 20 séculos. A outra é a “Páscoa comercial”. As duas maneiras se entrecruzam nesta sociedade de consumo em que vivemos. Todavia, vejamos as diferenças e semelhanças entre elas.

Comemorações religiosas da Páscoa: missas, cultos e música

As comemorações de cristãos católicos e evangélicos fazem referência a cultos ou missas celebrados desde o domingo anterior, conhecido como “Domingo de Ramos”. Celebrações ocorrem na quinta-feira, véspera da paixão e morte de Jesus de Nazaré; na sexta-feira, há celebrações que valorizam as palavras proferidas por Jesus na Cruz e procissões católicas com desfile da imagem do Cristo morto; no sábado, que recebe

o nome de “Sábado de Aleluia”, a Igreja Católica acende o Círio Pascal (uma grande vela) para indicar que Jesus é a luz do mundo. Enquanto isso, a vigília e a espera pela ressurreição continuam. No domingo de manhã, irrompe-se a alegria da ressurreição, com missas, cultos e muita música. Em algumas igrejas evangélicas são celebrados cultos no domingo bem cedo, quando se expressa a alegria pela volta de Jesus à vida.

EXPRESSIONES ARTÍSTICAS DA SEMANA SANTA: MÚSICA E DRAMATIZAÇÕES

No decorrer da Semana Santa, principalmente no domingo de Páscoa, há muitas celebrações com músicas, representações dramatúrgicas, apresentação de corais com cantatas especiais. Todas essas expressões artísticas têm como centro a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, o Messias. Os corais com melhor preparo apresentam composições como “Jesus, alegria dos homens”; “Oratório de Páscoa” (J.S.Bach); “Oratório O Messias” (G. F. Händel). No culto de Páscoa, no domingo da ressurreição, nós, cristãos reformados, cantamos com muito entusiasmo um hino latino do século XIV: **“Cristo já ressuscitou! Aleluia! / Sobre a morte triunfou! Aleluia!”** (hinário Cantai Todos os Povos nº 373). Sete séculos depois, ainda cantamos:

“Deus enviou seu filho amado / Para morrer em meu lugar / Na cruz sofreu por meus pecados / Mas ressurgiu e vivo com o pai está / Porque Ele vive, posso crer no amanhã / Porque Ele vive, temor não há / Mas eu bem sei, eu sei, que a minha vida / Está nas mãos do meu Jesus, que vivo está”.



ENTRADA DE CRISTO EM JERUSALÉM (C. 1305)

Giotto di Bondone (Itália, c.1267-1337). Fresco, 200 x 181 cm. Capela Scrovegni, Pádua

A Páscoa na era digital: a internet e o acesso à música e à cultura

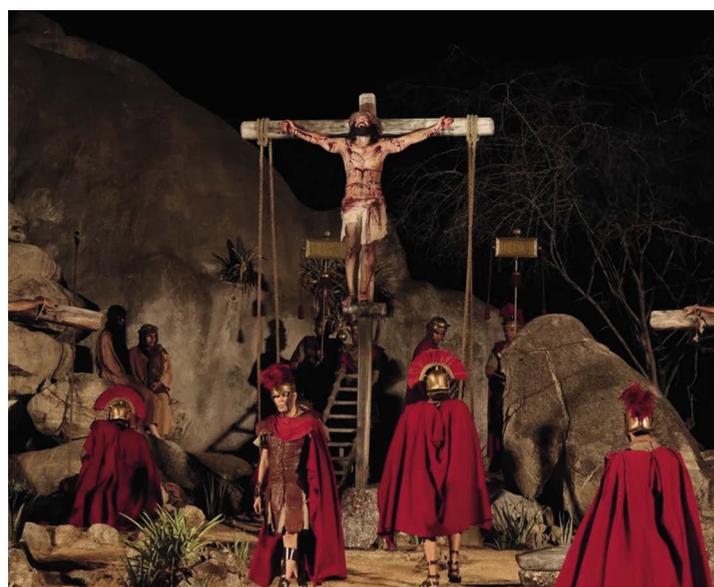
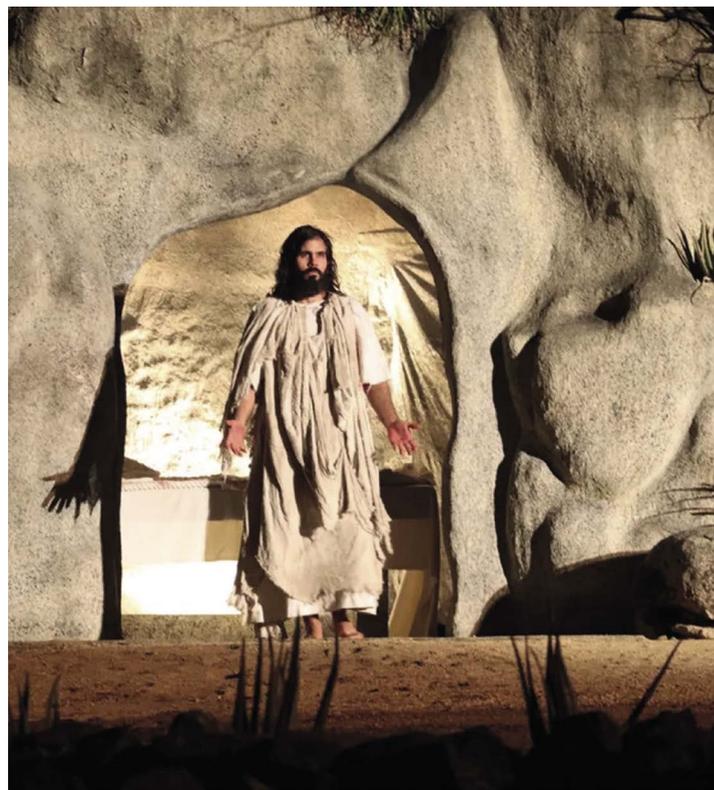
Hoje, graças à Internet, essas e outras obras e apresentações podem ser encontradas no YouTube de nossos celulares. Para nós, cristãos, continua ser impossível comemorar a Semana Santa, e dentro dela a Páscoa, sem a presença de inspirados compositores e de belos cânticos entoados nas congregações. Por isso, concluem todos os cristãos convictos: **"Nenhuma lenda ou evento inventado levaria tanta gente a se expressar, artística e liturgicamente, com tanto vigor e alegria, ano após ano, que Ele vive no coração de todos os que o receberam. Daí a necessidade de se recitar as palavras do Credo dos Apóstolos: 'Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido no seio da Virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado e morto, ressuscitou no terceiro dia', e no final do Credo, 'creio na ressurreição da carne'".**

A DRAMATIZAÇÃO DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS: ATIVIDADES CULTURAIS E COMERCIAIS

Há também dramatizações, apresentação de filmes e programas especiais na televisão para comemorar a morte e a ressurreição de Jesus. A indústria do entretenimento apresenta nessa semana de Páscoa suas produções. No estado de Pernambuco, em Nova Jerusalém, uma dramatização ao ar livre acontece, com duração de uma até três horas, usando todos os recursos de modernas tecnologias de sons, imagens, luzes e fogos de artifício, atraindo milhares de turistas em cada dia da Semana Santa. Essa dramatização, segundo a mídia, atinge a emoção de quase todos os que assistem ao espetáculo. Neste ano (2025) ocorrerá a 56ª versão da apresentação, que já foi assistida por quase cinco milhões de pessoas. Atualmente, uma entrada inteira custa R\$140,00 para assistir uma só vez.

PAIXÃO DE CRISTO EM PERNAMBUCO

Encenação da crucificação de Cristo em Nova Jerusalém, Pernambuco, em 2019. O espetáculo da "Paixão de Cristo" no teatro de Nova Jerusalém, em Brejo da Madre de Deus, no Agreste de Pernambuco, reuniu cerca de 10 mil pessoas naquele ano.



REPRODUÇÃO FOTO: JOALLINE NASCIMENTO/G1



Malhação do Judas: tradição popular e revolta contra o mal

Trata-se de um costume que foi mais comum no decorrer do século XIX e primeira metade do século XX.

Consiste na malhação de um boneco, do tamanho de um adulto, que é torturado e maltratado na manhã de sábado. O boneco representa não somente o discípulo que traiu Jesus,

entregando-o aos romanos, mas também representa o mal, um político odiado ou uma autoridade execrada pela população. **Em alguns lugares, o boneco, depois de "enforcado"**

e surrado, tem o corpo queimado. Não deixa de ser expressão de revolta popular contra as forças do mal que impedem as pessoas de ter uma boa vida

MALHAÇÃO DE JUDAS

(Debret, Jean-Baptiste, 1768-1848. Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome troisième. p. 34).

A comercialização da Páscoa: ovos de chocolate e consumo de massa

Uma outra comemoração da Páscoa comum entre nós é de caráter cultural e comercial. Trata-se daquele período em que se vendem ovos de chocolate e pão especial, e fazem do coelho um chefe de vendas, tal como o “bondoso” velhinho no Natal. No entanto, são costumes importados, que vieram juntamente à implantação da “sociedade de consumo”. A explicação, contudo, é sugestiva: o ovo representa a vida e os coelhos, que aparecem aos milhares na Europa no final do inverno, faz lembrar a fertilidade.

A PÁSCOA NO CONTEXTO BRASILEIRO: ENTRE TRADIÇÃO RELIGIOSA E CONSUMO

Nas semanas que antecedem a Páscoa, os supermercados colocam num corredor um túnel de chocolates, e a propaganda leva as crianças a solicitarem que os pais lhes comprem brinquedos relacionados aos ovos e aos coelhinhos. **Há pedagogos que condenam esse tipo de propaganda endereçada às crianças ainda pequenas, ao arripio da lei brasileira. Na Bulgária, usando mais uma vez esse país como exemplo, que esteve sob ditadura comunista por cerca de meio século, as investidas da sociedade de consumo ainda são fracas; não vimos nenhuma propaganda de ovos de chocolate ou de coelhinhos.** Ali as práticas rituais da Páscoa nos pareceram estar distantes, pelo menos por enquanto, da violenta absorção da festa do ressuscitado pelo comércio, tal como acontece entre nós. Permanecem, entretanto, práticas oriundas das antigas mitologias relativas aos ovos coloridos.



A SECULARIZAÇÃO DA PÁSCOA: O DISTANCIAMENTO DO SIGNIFICADO ORIGINAL

Chegamos ao final deste texto e queremos registrar mais algumas observações. A primeira se refere ao aumento do grau de secularização de nossa sociedade. Há uma aceleração da incredulidade quanto ao antigo domínio dos dogmas cristãos sobre a consciência individual. A Semana Santa é um feriado para ser desfrutado com viagens, uma festa voltada à alegria de viver e à mesa farta, sem referência ao motivo original – a volta à figura de Jesus de Nazaré, que com a sua ressurreição venceu a morte, e prometeu que os que nele creem não morrem, mas renascem para a vida eterna.

CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO. A pintura denominada Crucificação de Cristo, também conhecida por Crucificação de Schleissheim, é uma obra religiosa do pintor alemão Lucas Cranach, o Velho, que fez muitas pinturas religiosas usando a temática da Crucificação. Ano: 1503 | Técnica: óleo sobre madeira | Dimensões: 138 x 99 cm | Pinacoteca de Munique, Alemanha.



A finalidade de toda festa é trazer para o presente uma realidade do passado que merece ser lembrada. Em outras palavras, uma festa cristã, ao ser celebrada, deve reanimar a fé dos crentes. Daí uma pergunta importante para nós: de que maneira os cristãos de nossa comunidade comemoraram a Páscoa neste ano de 2025, considerando haver ao nosso redor uma cultura que nega a ressurreição de mortos, é indiferente à pessoa de Jesus e pouco se importa com os ensinamentos transmitidos pelos apóstolos e por dois mil anos de tradição?

REFLEXÕES FINAIS SOBRE A RESSURREIÇÃO E A FÉ CRISTÃ

Uma segunda observação se refere à aplicação da metodologia científica na visão de mundo das pessoas. Para os cientistas, a ressurreição é um fenômeno impossível de acontecer ou de ser trabalhado pela ciência. Alguns deles até aceitam a reencarnação (herança kardecista), porém, não a ressurreição de mortos, principalmente de um corpo sepultado há três dias. Assim, a crença cristã na proclamação da notícia de que Jesus está vivo é uma viagem contra a correnteza da visão científica moderna, e está baseada tão somente na fé.

A EXPERIÊNCIA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA: O QUE REALMENTE IMPORTA NA PÁSCOA

Uma terceira observação pode ser feita a partir de interpretações elaboradas por alguns teólogos do século passado. Para eles, a ressurreição de Jesus não teria sido um fato histórico e sim espiritual. Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo europeu, registrou em seus escritos que a ressurreição de Jesus, tal como é narrada no Novo Testamento, é inaceitável numa época em que predomina a ciência moderna. Em sua forma de ver, a ressurreição de Jesus é um mito que precisa ser traduzido numa linguagem que o homem moderno possa compreender. Ele acreditava que a filosofia existencialista poderia ajudar na compreensão e na pregação dessa mensagem fundamental para a fé cristã.

A PÁSCOA E A TRANSFORMAÇÃO DA VIDA CRISTÃ: DESAFIO PARA O FUTURO

Uma quarta observação. Há atualmente, entre muitos cristãos, uma despreocupação com a ressurreição de Jesus num domingo de Páscoa, se é ou não um fato histórico. Para esses cristãos, desde os grandes avivamentos dos séculos XVIII e XIX, o importante na religião cristã é a experiência interna e emocional do sentir que Jesus Cristo está vivo no coração dos que creem. Assim, a crença no Cristo vivo encontra fundamento no desafio colocado pelo apóstolo Paulo: **“Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã a vossa fé” (1Coríntios 15.14).**

A NECESSIDADE DE REAFIRMAR A FÉ NA RESSURREIÇÃO

Uma quinta e última observação. A finalidade de toda festa é trazer para o presente uma realidade do passado que merece ser lembrada. Em outras palavras, uma festa cristã, ao ser celebrada, deve reanimar a fé dos crentes. Daí uma pergunta importante para nós: de que maneira os cristãos de nossa comunidade comemoraram a Páscoa neste ano de 2025, considerando haver ao nosso redor uma cultura que nega a ressurreição de mortos, é indiferente à pessoa de Jesus e pouco se importa com os ensinamentos transmitidos pelos apóstolos e por dois mil anos de tradição?



A REALIDADE CONTEMPORÂNEA: A FÉ CRISTÃ E OS DESAFIOS DO MUNDO MODERNO

Nos EUA, recentemente, se fez uma pesquisa, que apontou para uma parcela de 23% de cristãos que não creem na ressurreição corporal de Jesus. Outros 66% creem, mas não conseguem estabelecer uma ligação entre a mensagem da Páscoa e a vida cotidiana de cada um. Da Europa pós-cristã não temos dados; entretanto, com certeza os números são baixíssimos, tendo em vista o processo de descrislianização naquele continente. Por outro lado, há muitos cristãos de hoje cuja crença é mecânica e não causa transformações na vida prática. É claro que não foi isso que ocorreu com os primeiros seguidores de Jesus. De traumatizados, desesperançosos e profundamente abatidos até o domingo de manhã, o pequeno grupo de seguidores de Jesus, de repente, foi tomado por grande animação, cujo entusiasmo levou muitos deles a enfrentar perseguições, pagando com a vida a mensagem do Cristo vivo. Foi assim que o brado da manhã de Páscoa, em Jerusalém, chegou até nós!

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO C. 1562. Gravura de Philip Galle (Flandres, 1537-1612) após Pieter Bruegel (Flandres, 1527/8-1569). Países Baixos, século XVI. Acervo do The Cleveland Museum of Art.

AS PRAGAS
DO EGITO

Ilustram este artigo
reproduções de
gravuras de Gustave
Doré (1832-1883),
ilustrador, pintor e
gravurista francês.

A PÁSCOA NA PERSPECTIVA BÍBLICA: REFLEXÕES SOBRE LIBERTAÇÃO E VITÓRIA

CELEBRADA DESDE O ANTIGO TESTAMENTO COMO SÍMBOLO DE LIBERTAÇÃO, A PÁSCOA SE TORNA, NO NOVO TESTAMENTO, UM MARCO DA VITÓRIA DE JESUS SOBRE A MORTE, CONVIDANDO-NOS A REFLETIR SOBRE A LIBERDADE EM CRISTO.

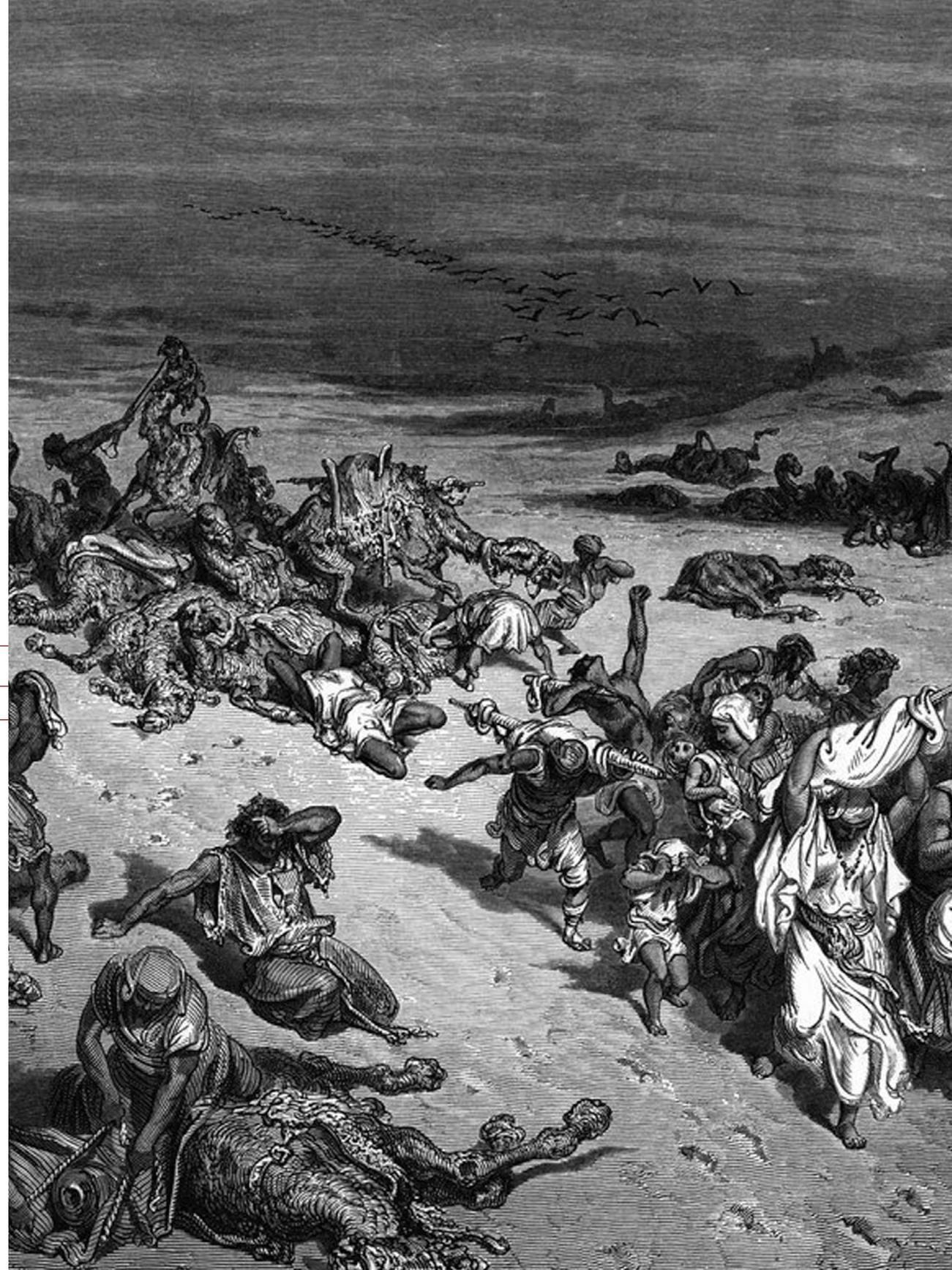
Texto **Rev. Lucas Gaiofato Sacco**

A Páscoa é, sem dúvida, a data mais importante no calendário cristão, e, por isso, deve ser celebrada com plena dedicação. Neste artigo, buscamos inspiração na Bíblia, a Palavra de Deus, para entender o verdadeiro sentido dessa festa tão significativa.

O Dicionário de Teologia Bíblica, de Johannes B. Bauer, ajuda a esclarecer: A palavra Páscoa vem do latim e do grego *pascha*, que deriva do hebraico *pesah* e do aramaico *pishâ*, provavelmente pronunciado como *phashâ*. Originalmente, era uma festa judaica de libertação nacional, mas, para os cristãos, simboliza a vitória de Jesus sobre a morte (Bauer, 1973, p. 813-814). ■

PONTOS IMPORTANTES

1. A Páscoa é uma celebração antiga, transmitida por nossos antepassados ao longo dos séculos.
2. Para os judeus, era uma festa de libertação.
3. Para os cristãos, representa a vitória sobre a morte.



“

Apesar da recomendação do Senhor, muitos reis em Israel deixaram que a celebração da Páscoa fosse esquecida. No entanto, o rei Ezequias foi usado por Deus para restaurar a ordenança divina. Era necessário retomar a conscientização do povo sobre o cuidado contra todas as forças que geram a escravidão.

No Antigo Testamento

UMA CELEBRAÇÃO EM FAMÍLIA, COM A PARTICIPAÇÃO DE VIZINHOS

A primeira celebração da Páscoa está registrada no livro de Êxodo, capítulo 12, que narra a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. A instrução era que a celebração fosse feita em família, com a inclusão dos vizinhos mais próximos:

“Disse o Senhor a Moisés e a Arão: ‘Este mês será para vós o principal dos meses... Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família...’” (Êxodo 12.1-4). Os participantes da celebração deveriam estar vestidos com roupas de viagem, como se estivessem prontos para partir da escravidão para a liberdade:

“Desta maneira o comereis: lombos cingidos, sandálias nos

pés e cajado na mão; comê-lo-eis à pressa; é a Páscoa do Senhor” (Êxodo 12.11).

UM CHAMADO PARA A LIBERTAÇÃO

A Páscoa é profundamente ligada à libertação do povo de Israel. O sangue do cordeiro sacrificado nos umbrais das portas protegia as casas dos israelitas da morte. Este ato simbolizava a liberdade e a salvação: **“Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue...”** (Êxodo 12.22-23). A resposta ao questionamento sobre a celebração da Páscoa era clara: **“É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas”** (Êxodo 12.27).

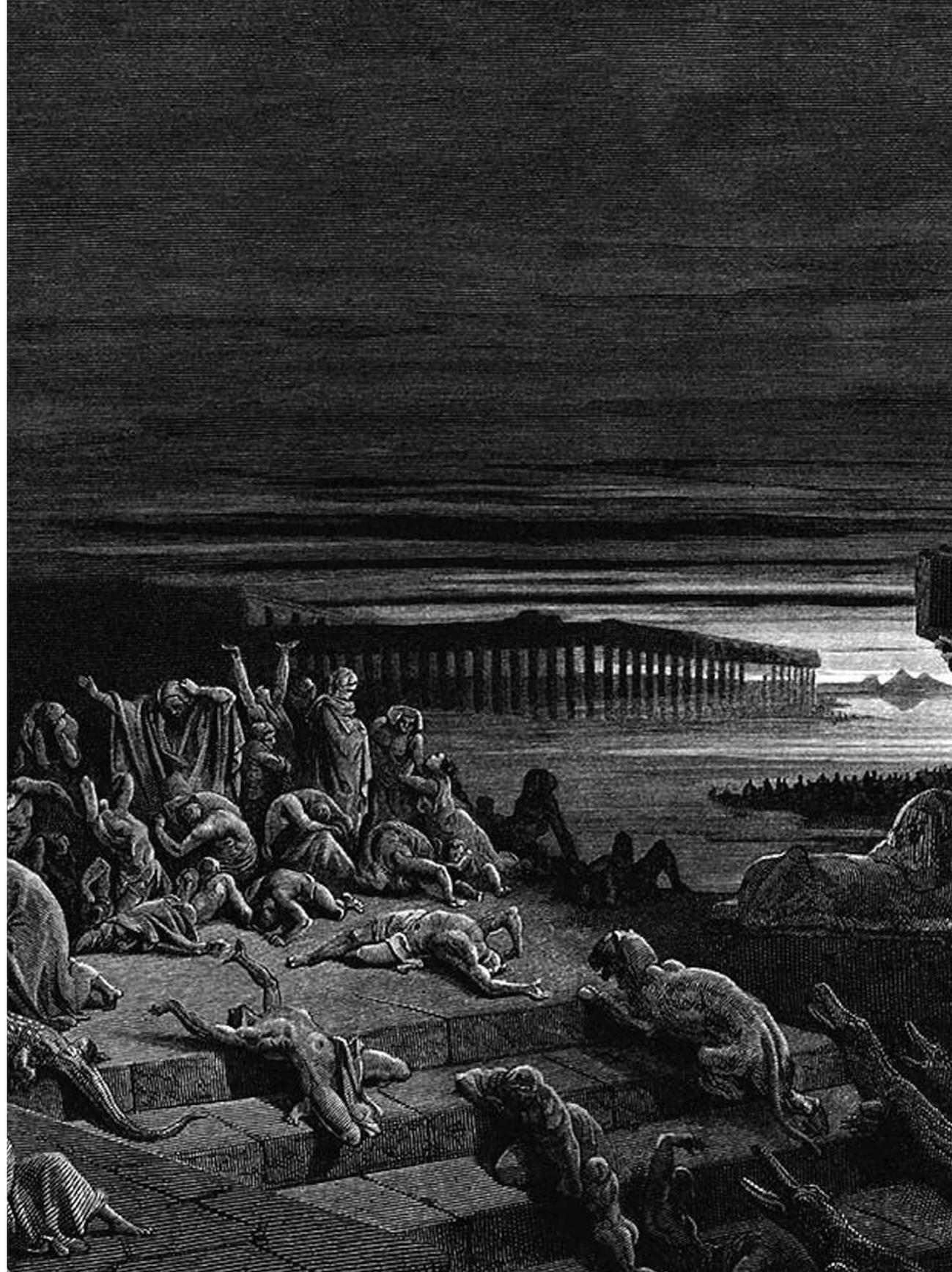
A Páscoa, para o povo de Israel, tornou-se a grande festa da liberdade.

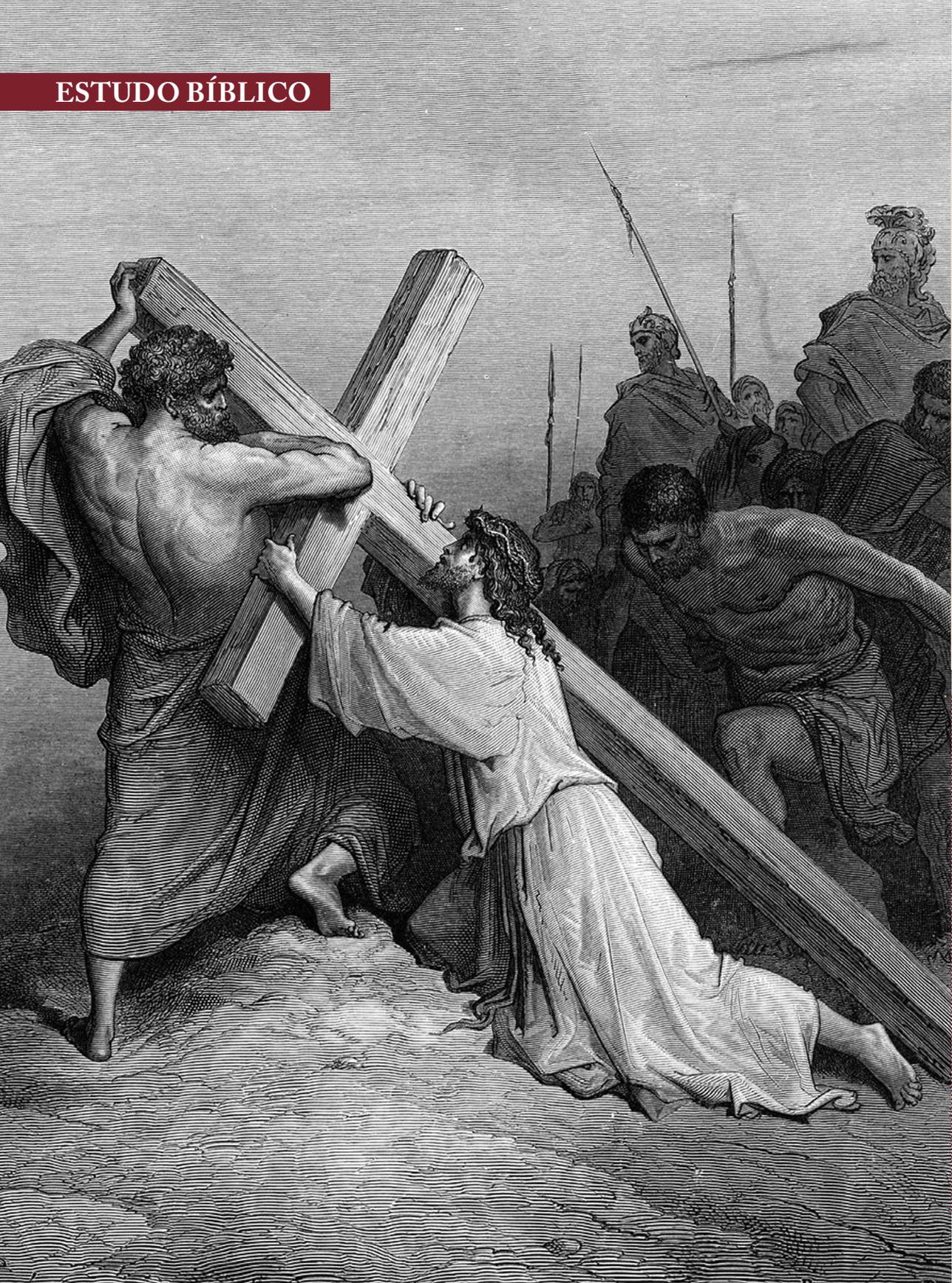
A PÁSCOA NÃO PODE SER ESQUECIDA

Mesmo com o passar dos anos, Deus sempre lembrou ao seu povo da importância da Páscoa, ordenando sua celebração contínua. Apesar disso, alguns reis de Israel negligenciaram a celebração, o que levou o rei Ezequias a restaurar a prática:

“Ezequias enviou mensageiros por todo Israel e Judá... para que viessem à Casa do Senhor, em Jerusalém, para celebrarem a Páscoa ao Senhor” (2Crônicas 30.1-2).

A Páscoa, nesse contexto, é uma terapia para o povo, lembrando-o de que, mesmo libertados, devem sempre lutar contra as forças de opressão.





No Novo Testamento

A RELAÇÃO DE JESUS COM A PÁSCOA

Desde a infância, Jesus esteve inserido no contexto da Páscoa, como é descrito no Evangelho de Lucas. Aos doze anos, Jesus participou da festa de Páscoa em Jerusalém, ensinando no templo:

“Anualmente, seus pais iam a Jerusalém para a Festa da Páscoa... e, quando ele atingiu os doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume da festa” (Lucas 2.41-42).

A VITÓRIA DA VIDA SOBRE A MORTE

No Novo Testamento, a Páscoa ganha um novo significado com a morte e

ressurreição de Jesus. Durante a última ceia, que foi uma celebração pascal, Jesus instituiu o rito da comunhão:

“Na noite em que foi traído, tomou o pão, e, tendo dado graças, o partiu e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.’”

(1Coríntios 11.23-26).

Através da morte de Jesus, celebrada na Páscoa, Ele vence a morte, e a ressurreição revela a vitória sobre ela. O apóstolo Paulo reforça essa ideia:

“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Coríntios 11.26).

MORTE DE CRUZ

Na página ao lado, gravura de Gustave Doré (1832-1883) retrata a cena de Jesus caindo sob a cruz.

PONTOS IMPORTANTES

A Páscoa é uma celebração da família, da comunidade e da liberdade. Ao redor da mesa, devemos lembrar que, assim como os israelitas foram libertos da escravidão, também fomos libertados por Cristo, que venceu a morte. Celebrar a Páscoa é renovar nosso compromisso de viver livres, aguardando a volta do Senhor. A liberdade plena, em Cristo, é a verdadeira marca deste rito.

A PÁSCOA NA PERSPECTIVA BÍBLICA

A Páscoa é a celebração mais importante para os cristãos, simbolizando a libertação e a vitória sobre a morte. Sua origem remonta ao Antigo Testamento, quando foi instituída como uma festa de libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. A primeira celebração da Páscoa, descrita em Êxodo, envolvia um sacrifício ritual com um cordeiro, pães sem fermento e ervas amargas, realizada em família e com a participação dos vizinhos. Essa celebração simbolizava a liberdade, com os israelitas prontos para a partida, com vestes de viagem.

No Novo Testamento, a Páscoa adquire novo significado com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, que é celebrada durante a última ceia. **Jesus se entrega como sacrifício, e sua ressurreição vence a morte, oferecendo vida eterna aos seus seguidores. A comunhão e o partir do pão, descritos nos evangelhos, passam a simbolizar o corpo e sangue de Cristo.**

A Páscoa continua sendo uma tradição essencial, lembrando-nos da liberdade que temos em Cristo, e deve ser celebrada como uma cerimônia de fé, família e comunidade. A prática da Páscoa reflete a liberdade conquistada em Cristo, que derrotou a morte e nos oferece a vida.

FONTES:

BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica.** Volume II. 2ª Edição. Edição Loyola: São Paulo 1978.

BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida.

A PÁSCOA NA REFORMA PROTESTANTE: SIGNIFICADOS E REFLEXÕES TEOLÓGICAS

COMO A REFORMA PROTESTANTE RESSIGNIFICOU A PÁSCOA
CRISTÃ, FOCANDO NA MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS
COMO FUNDAMENTOS ESSENCIAIS PARA A FÉ E A SALVAÇÃO.

Texto Rev. Reginaldo von Zuben

A maneira como os cristãos compreendem e celebram a Páscoa tem origem e correspondência com a respectiva festa judaica, mas com sentido e significado totalmente diferentes. Enquanto os judeus celebravam a Páscoa instituída no contexto da libertação do povo hebreu do Egito (Êxodo 12), os cristãos a celebram tendo como evento principal a cruz, a morte e a ressurreição de Jesus.

Para os cristãos, Jesus é o Cristo, o Messias, o Filho de Deus que veio ao mundo para redimir os pecadores. Jesus também é compreendido e aceito como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Neste sentido, a cruz e a morte de Jesus representam o sacrifício perfeito, único e suficiente para expiação dos pecados da humanidade, enquanto o sangue de Jesus, derramado na cruz do calvário, estabelece a Nova Aliança de Deus com o seu povo, e a ressurreição de Jesus é a vitória definitiva sobre a morte. ■



O Significado Cristão da Páscoa

Na história do povo de Israel, o conceito e o significado da “Páscoa” remetem a “passagem”, “libertação” e “esperança”. Para a fé cristã, a cruz, a morte e a ressurreição de Jesus estão relacionadas ao mesmo significado:

- É “passagem” da velha vida para a nova vida em Cristo; é “passagem” da antiga Aliança para a Nova Aliança, da Lei para a superabundante graça de Deus;
- É “libertação” do poder do pecado, do juízo e da morte, pois o pecado não mais nos condena, estamos livres do juízo e a morte não é mais o nosso destino;
- É “esperança” porque a vitória sobre a morte aponta para algo maior e melhor que nossa vida terrena, ou seja, para a vida eterna, vida na glória, vida na casa e na presença plena do Pai.

A CEIA DO SENHOR: INSTITUIÇÃO CRISTÃ E CENTRALIDADE NA PÁSCOA

Historicamente, a Ceia do Senhor, instituída por Jesus no contexto da Páscoa judaica, tornou-se o principal momento do culto cristão. É o rito em que os cristãos celebram a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. Nesta celebração, o pão e o vinho se tornam símbolos do corpo e do sangue de Jesus, os quais devemos comer e beber “em memória” da sua vida e da sua obra em nosso favor. Por sua importância, a Páscoa se tornou a principal festa da tradição cristã, mais importante que o Natal, o qual tem sentido e valor devido à ação

redentora e salvífica de Deus.

O ESTABELECIMENTO DA DATA DA PÁSCOA NA IGREJA CRISTÃ

A data da celebração da Páscoa na igreja cristã foi instituída no século IV, no Grande Concílio realizado na cidade de Niceia, no ano 325. A decisão foi pela comemoração em data móvel (ou seja, não se dá num dia fixo do ano como tantos outros feriados que temos), devendo ser celebrada entre os dias 22 de março e 25 de abril. Este é o motivo pelo qual, em cada ano, a Páscoa é celebrada numa data diferente.

CURIOSIDADE

“Originalmente, a Páscoa cristã era uma única celebração noturna (como a Páscoa

judaica), que lembrava tanto a morte como a ressurreição de Cristo. A cerimônia incluía o acendimento da vela pascal, orações, leitura das Escrituras e a celebração jubilosa da eucaristia” (Russel K. Bishop, 1998, p.102). A celebração da Páscoa cristã tornou-se ocasião ideal para a realização de batismos, com a ressurreição simbolizada por vestes brancas. Dela também surgiu a Quaresma, isto é, período de quarenta dias como preparação para a Páscoa. Com o passar do tempo, a festa única da Páscoa foi dividida em várias partes, com outros elementos e embasamento bíblico, sendo a morte de Jesus comemorada na sexta-feira (chamada de “santa”) e a ressurreição celebrada na manhã de domingo.

O MONUMENTO AOS REFORMADORES EM GENEBRA (na página ao lado) é uma homenagem aos líderes da Reforma Protestante, como João Calvino, John Knox, Teodoro de Beza e Guilherme Farel, que moldaram a história religiosa e teológica do século XVI. Com figuras imponentes de teólogos e reformadores, este monumento simboliza a luta pela liberdade de crença e pela preservação da palavra divina, marcando um marco importante para o cristianismo reformado.

A Páscoa Durante a Reforma Protestante

A PÁSCOA EM GENEBRA: A PRÁTICA DE CALVINO

Embora Calvino tenha nascido na França, foi em Genebra que desenvolveu a maior parte do seu ministério como reformador, pastor e teólogo. Nessa cidade da Suíça, há registros de que, em 1550, ele pregou oito sermões seguidos na mesma semana, de domingo a domingo, sobre os principais acontecimentos relacionados à Paixão de Cristo, que culmina com a celebração da Páscoa. Este era um comportamento frequente nas pregações do reformador. Porém, a prática adotada por Calvino foi proibida pelo Conselho da cidade de Genebra, diante da intenção em eliminar os “dias de festas” da tradição cristã e acabar com o “paganismo” na vivência da fé.

A PERSISTÊNCIA DA PÁSCOA EM GENEBRA

No entanto, a proibição referente à celebração dos dias festivos da tradição cristã não durou muito em Genebra, tendo em vista que, em 1553,

novamente Calvino teve que interromper seus sermões sequenciais sobre textos e temas relacionados às datas festivas, mostrando assim que as celebrações, dentre elas a Páscoa, estavam vigentes. Em 1557, assim escreveu: “Com relação às cerimônias e, sobretudo, à observância de dias santos, eu ofereço o seguinte: Apesar de existirem alguns que avidamente têm tempo para estar em conformidade com tais práticas [pagãs], eu não sei como eles podem fazê-lo sem desrespeito para com a edificação da igreja, nem sei como eles podem prestar contas a Deus por ter avançado o mal e impedido a sua solução”.

A RESSURREIÇÃO E A SALVAÇÃO

Em relação aos dois principais acontecimentos que definem a Páscoa cristã, Calvino afirma não ser possível entender a morte de Jesus na cruz sem aceitar e crer na sua ressurreição no terceiro dia. É a ressurreição que dá sentido ao

sacrifício e à morte de Jesus, segundo o reformador francês. Na sua principal obra publicada, intitulada “Instituição da religião cristã”, Calvino assim escreveu sobre a morte e a ressurreição de Jesus:

“Ora, uma vez que na cruz, morte e sepultamento de Cristo nada revelam senão fraqueza, todas essas coisas têm de ser ultrapassadas pela fé para que ela se revista de pleno vigor. E assim, embora tenhamos em sua morte a firme consumação de nossa salvação, visto que, por meio dela, não só fomos reconciliados com Deus, mas também ele fez satisfação ao justo juízo, e removida foi a maldição e totalmente paga a pena, somos, no entanto, declarados regenerados para uma viva esperança, não mediante sua morte, mas por meio de sua ressurreição (1Pe 1.3); porque, como ele, ao ressurgir, se enalteceu como vencedor da morte, assim a vitória de nossa fé afinal se assenta em sua própria ressurreição.”



FREEPIK



A JUSTIFICAÇÃO PELA GRAÇA E A PÁSCOA

Como bem sabemos, um dos principais temas da Reforma Protestante foi o da “justificação pela graça mediante a fé”, que tem profunda correspondência com a Páscoa cristã. Na mesma obra já citada sobre este tema, Calvino afirma: **“De que natureza seja isto, melhor se exprime nas palavras de Paulo, pois diz que ele morreu por causa de nossos pecados e ressuscitou por causa de nossa justificação (Rm 4.25), como se estivesse a dizer que o pecado foi removido por sua morte, a justiça restaurada e restabelecida por sua ressurreição”**.

Para Calvino, tanto a morte de Jesus na cruz como a sua ressurreição são imprescindíveis na compreensão e aceitação da salvação que vem de Deus. Ele não menospreza a morte de Jesus, mas acentua que sua importância e todo seu significado estão condicionados à ressurreição. A pergunta que Calvino levanta é: “Ora, como, ao morrer, ele não podia livrar da morte, se ele próprio fosse sucumbido à morte? Como nos haveria adquirido a vitória, se houvesse fracassado na luta?”. Na resposta a estas perguntas, Calvino ressalta a importância, o papel e o lugar da morte de Jesus para nossa salvação, relacionada à ressurreição: “Pelo que, assim dividimos a matéria de nossa salvação entre a morte e a ressurreição de Cristo: mediante a morte de Cristo, o pecado foi aniquilado e a morte, extinta; por meio da ressurreição, a justiça foi restaurada e a vida, restabelecida; por isso, a morte de Cristo exibe sua força e eficácia para conosco em virtude da ressurreição.”

Lutero: A Páscoa Como Realidade Diária

No que se refere a Lutero e à Páscoa cristã, importante obra foi publicada em 1959, da autoria de Ewald Plass, com o título “O que Lutero diz: uma antologia”, na qual encontramos a seguinte citação do reformador alemão: **“A temporada da Páscoa deve ser mantida não apenas em um dia, mas sim em todos os dias”**. Para Lutero, os benefícios da Páscoa celebrada à luz da vida, morte

e ressurreição de Jesus estão presentes diariamente na vida de todo cristão. Trata-se de uma grandiosa obra realizada por Deus Pai, Filho e Espírito Santo em nosso favor. É por este motivo que a Páscoa cristã deve ser reconhecida e celebrada diariamente.

Nas igrejas de tradição luterana, a Páscoa é celebrada com a valorização da cerimônia

do “lava-pés”. Neste sentido, é que na Igreja de Confissão Luterana se fala em tríduo pascal: quinta-feira do lava-pés, sexta-feira da crucificação, vigília e domingo da ressurreição. Os jejuns também são incentivados, sempre como prática da espiritualidade voltada à entrega e profundidade, não como para recebimento de dádivas ou da própria salvação.

A MEMÓRIA VIVA DA PÁSCOA

Na celebração da Páscoa, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus devem ser lembradas e celebradas. Na instituição da Ceia, Jesus pediu e ordenou aos seus discípulos: “fazei isto em memória de mim”. É muito comum na Bíblia o verbo no imperativo “lembrai-vos”, o qual tem o propósito de “rememorar”, “trazer à memória”. O povo de Israel constantemente é chamado para se “lembrar” dos feitos de Deus. O mesmo acontece no Novo Testamento por meio de várias expressões. As grandes festas do povo de Israel e da tradição cristã foram instituídas com este objetivo: celebrar e rememorar, lembrar, não esquecer os grandes feitos de Deus na história. A Páscoa cristã se enquadra nesta perspectiva. Esquecer os grandes feitos de Deus caracteriza o fracasso, a perda de direção, a tragédia e o desespero da humanidade. No entanto, **“lembrai-vos”, na Bíblia, não se reduz apenas à lembrança de um acontecimento do passado, mas lembrança que dá sentido no presente e aponta para o futuro. A memória dos atos salvíficos de Deus mobiliza a nossa fé e nos fortalece para esperar as boas novas do Reino de Deus. É por isso que devemos celebrar a Páscoa anualmente, sem nos esquecermos das palavras de Lutero de que ela “deve ser mantida todos os dias”**.

Como “passagem”, “libertação” e “esperança”, a Páscoa cristã é vida reconciliada com Deus; é perdão de todos os nossos pecados; é absolvição do juízo divino

O LEGADO DA REFORMA NA PÁSCOA CRISTÃ

O que recebemos e aprendemos da Reforma Protestante sobre a Páscoa cristã, sobretudo com Calvino e Lutero, corresponde fielmente à Palavra de Deus, ou seja, ao que foi instituído por Jesus, o significado de tudo o que aconteceu com o Filho de Deus e o que foi vivido e testemunhado pelos apóstolos e pela igreja primitiva. A Páscoa cristã é essencialmente celebração da morte de Jesus na cruz e da sua ressurreição no terceiro dia, revelando assim a providência e a ação de Deus para nossa salvação. Como “passagem”, “libertação” e “esperança”, a Páscoa cristã é vida reconciliada com Deus; é perdão de todos os nossos pecados; é absolvição do juízo divino; é comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, assim como com todos que partilham desta mesma fé; é profunda gratidão e adoração a Deus por tão grande obra em nosso favor; é crer e experimentar o grande amor de Deus por nós; é viver na esperança da vida eterna. Celebremos, diariamente, a Páscoa em Cristo Jesus. ■

PÁSCOA: CALENDÁRIO LITÚRGICO E CEIA DO SENHOR

O CALENDÁRIO LITÚRGICO NÃO É APENAS UMA SEQUÊNCIA DE DATAS, MAS A VIVÊNCIA DO MISTÉRIO DE CRISTO NO TEMPO. ATRAVÉS DAS SUAS CELEBRAÇÕES, A IGREJA CELEBRA A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO E CONVOCA OS FIÉIS A RENOVAR A MEMÓRIA DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS. ESTE ARTIGO EXPLORA OS CICLOS LITÚRGICOS, COM ÊNFASE NO CICLO PASCAL E NA CEIA DO SENHOR, CONVIDANDO-NOS A REFLETIR SOBRE O SIGNIFICADO PROFUNDO DA PÁSCOA, DA COMUNHÃO E DA RENOVAÇÃO ESPIRITUAL.

Texto **Rev. Silas de Oliveira**

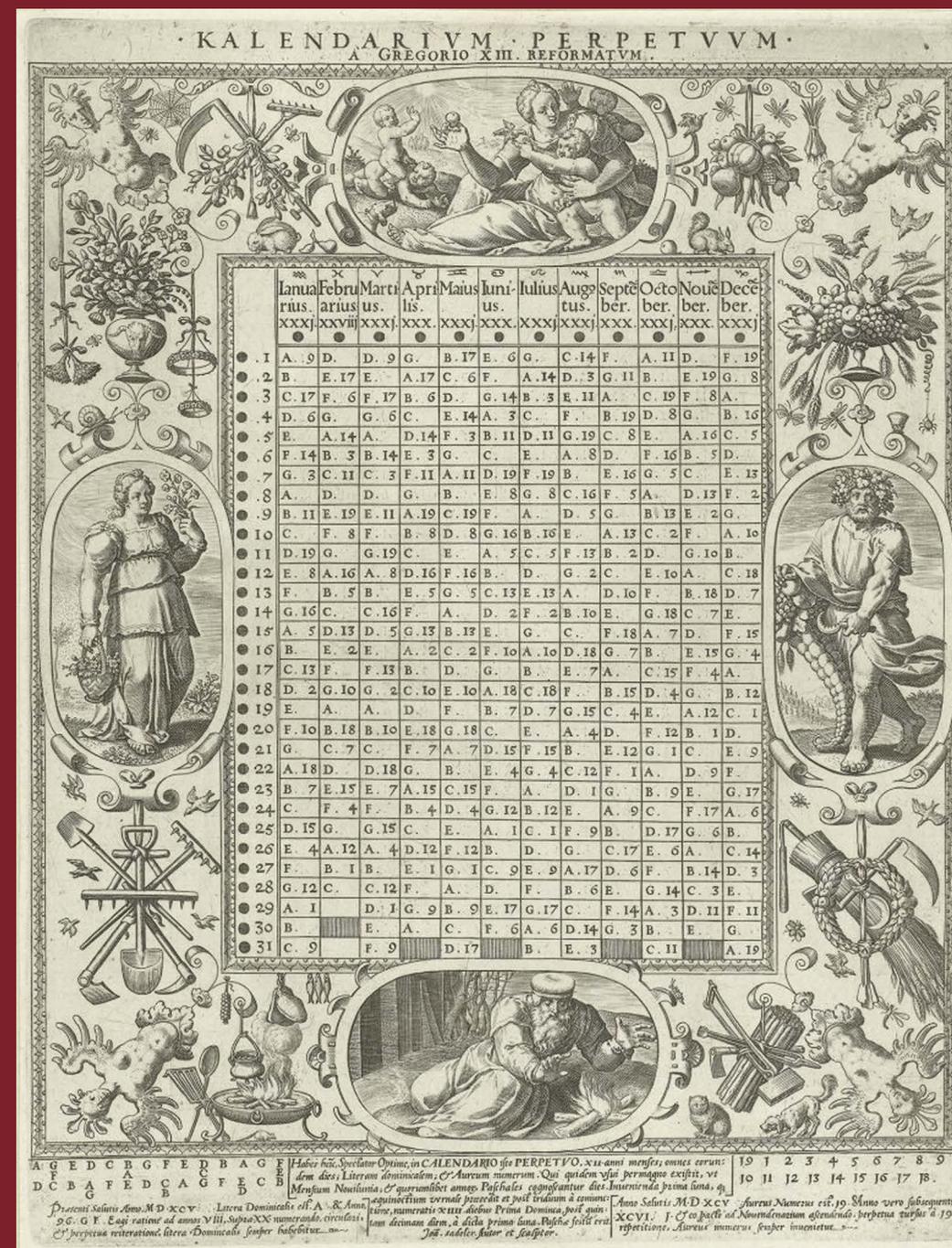
O Calendário Litúrgico, ou Ano Litúrgico, não é uma ideia abstrata, mas uma pessoa: Jesus Cristo e seu mistério realizado no tempo, por meio dos atos litúrgicos celebrados pela Igreja ao longo da história (Triacca, D. Sartore. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 58).

Desde o século XVI (1582), os cristãos ocidentais convivem com dois calendários. Um

é o calendário gregoriano, comum a todos, baseado nas estações do ano, usado para contar dias, meses, semanas e anos. O outro é o calendário litúrgico, que, através de suas datas, proclama a história da salvação desde os primórdios da era cristã. Seu início se dá nos quatro domingos que antecedem o Natal, com o período do Advento, e percorre o ano com as grandes celebrações do povo de Deus. ■

CALENDÁRIO GREGORIANO PERPÉTUO

Johann Sadeler I (1550-1600), Kalendrium Perpetuum (Calendário Perpétuo Gregoriano, com as Quatro Estações), 1595, gravura em papel, 317, 242 mm; Amsterdã, Rijksmuseum, RP-P-OB-7498. Foto: Rijksmuseum, CCO Domínio Público.



RELÓGIO ASTRONÔMICO DA CATEDRAL DE SÃO JOÃO DE LYON. Construído no século XIV, é uma das mais impressionantes máquinas de precisão medievais. Localizado na Catedral de Saint-Jean, o relógio não só marca as horas, mas também exibe informações astronômicas, como as fases da lua e a posição dos planetas, refletindo o conhecimento científico avançado da época.

O Tempo Litúrgico

O tempo litúrgico surgiu com o objetivo de ajudar a comunidade a celebrar os acontecimentos mais importantes da fé cristã. Ele é organizado na forma de um calendário, que dá destaque às principais festas e datas celebradas pelo povo de Deus.

Ao longo do ano, quatro grandes ciclos compõem a sua belíssima organização e estrutura. São os ciclos do: Natal, Primeiro Tempo Comum, Páscoa e Segundo Tempo Comum. Esses ciclos subdividem-se, por sua vez, em tempos específicos. Contudo, neste artigo, analisaremos somente o ciclo pascal e sua relação com a Ceia do Senhor.

O ANO LITÚRGICO E A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

O Ano Litúrgico se baseia, portanto, na história da salvação, cujo centro irradiador é o mistério pascal e a união em Cristo. A Igreja traz à memória toda a história da salvação revelada em Cristo Jesus. Cada evento histórico é celebrado como memorial litúrgico, que atualiza a mensagem da salvação.

A expressão “Tempo litúrgico” (ou ano litúrgico) está ligada ao termo grego “leitourgia”, que em português significa liturgia ou serviço. É o serviço do povo, o serviço prestado pela Igreja a Deus no mundo. Já a expressão

“Ano eclesiástico” tem em sua base o termo latim “ecclesia”, que quer dizer “igreja”. Ano eclesiástico, ano da igreja ou tempo litúrgico são termos que expressam o tempo da igreja no mundo, marcado pelas festas que celebram a história de Deus com o seu povo.

O CICLO PASCAL: O CENTRO DO ANO LITÚRGICO

Para melhor compreensão deste caminhar da Igreja de Cristo, analisemos dois grandes significados históricos que consideramos indispensáveis à real compreensão. Falamos do ciclo pascal e da celebração da Ceia do Senhor.

O CICLO PASCAL: REDENÇÃO E RENOVAÇÃO

Todas as celebrações

presentes no calendário litúrgico trazem à memória a copiosa redenção realizada por Jesus, desde sua paixão, morte e ressurreição até sua ascensão e o envio do Espírito Santo na festa de Pentecostes. É um ciclo que não tem datas fixas, porque segue um calendário variável, com espaço preciso entre as celebrações. O Ciclo Pascal constitui o centro do Ano Litúrgico e é o mais importante e significativo para a vida da Igreja.

Composto por Quaresma, Semana Santa, Período da Páscoa e encerramento em Pentecostes, formou-se a partir de um processo de reflexão e sistematização do cristianismo que durou do primeiro ao quarto século da Era Cristã. A partir desse ciclo, se constituiu todo o calendário litúrgico.

O Ano Litúrgico se baseia, portanto, na história da salvação, cujo centro irradiador é o mistério pascal e a união em Cristo.



REPRODUÇÃO



A ELEVAÇÃO DA CRUZ (em alemão: Kreuzaufrichtung) é uma pintura de 1633 do pintor holandês Rembrandt, pertencente ao período do Século de Ouro da pintura nos Países Baixos. A obra faz parte de uma série sobre a "paixão" encomendada em 1633 por Frederico Henrique, Príncipe de Orange, e está atualmente na coleção da Alte Pinakothek.

A ORIGEM DA CELEBRAÇÃO DA PÁSCOA

Nas comunidades primitivas, era comum a reunião no primeiro dia de cada semana, quando se celebrava a memória de Jesus. A origem do culto cristão está em torno dessa "Páscoa Semanal", que ocorria no primeiro dia da semana, chamado "Dia do Senhor".

Por influência do judaísmo cristão, isso já no século II, desenvolveu-se uma celebração anual da Páscoa como um "grande Dia do Senhor", cuja festa se prolongava por cinquenta dias, até a celebração do Pentecostes. No século IV, desenvolveu-se a tradição de reviver e refletir de um modo mais sistematizado os momentos da Paixão, o que deu origem às celebrações da Semana Santa. Desde o século III, as vésperas da Páscoa já eram dias de reflexão.

Os candidatos ao batismo, também chamados de catecúmenos, desejosos de participar da vida da Igreja como membros professos, eram por dois anos preparados em modelo de discipulado, para posteriormente participarem ativamente da vida em comunidade. Somente após dois anos, o discipulador responsável entregava o candidato à autoridade religiosa para ser recebido como membro da comunidade e participar da Ceia do Senhor.

FREEPIK



A Quaresma: Tempo de Preparação Espiritual

Somado a toda essa cuidadosa preparação, e inspirado nos 40 dias de preparo de Jesus para seu ministério, nasceu o período da Quaresma. Assim, em torno da celebração da morte e ressurreição de Jesus, desenvolveu-se todo o Ciclo Pascal do Calendário Litúrgico Cristão, marcado pela penitência e confissão, mas também pela alegria e exultação do crucificado e ressuscitado.

O período entre a Quarta-Feira de Cinzas e o Domingo de Ramos enfatiza a importância da contrição, do preparo e da conversão. Inicia-se no 40º dia antes da Páscoa, sem contar os domingos. O início, na Quarta-Feira de Cinzas, retorna à tradição bíblica do arrependimento com cinzas e vestes de saco (Jn 3.5-6). É um momento oportuno para refletir sobre a confissão e o valor do perdão de Deus.

SEMANA SANTA: SÍMBOLOS DE REFLEXÃO E TRANSFORMAÇÃO

Os símbolos da Semana Santa são compostos pela coroa de espinhos e os cravos que feriram pés e mãos de Jesus. Também temos a figura do pelicano, ave que, na falta de alimento para seus filhotes, fere-se para alimentá-los com seu próprio sangue. Enfim, a Igreja, ao longo da história, buscou na própria criação elementos de profundo significado espiritual para a composição de sua herança litúrgica.

Portanto, a Páscoa é a festa da ressurreição e da libertação. É o surgir de um novo Êxodo

– uma travessia em que a humanidade passa do cativo da morte para o Reino da vida. Sua solenidade pode iniciar-se já na Quinta-feira, ocasião em que os evangelhos registram a instituição da Ceia por parte do Mestre – última refeição por Ele tomada com seus discípulos. Contudo, a celebração da ressurreição começa com uma vigília na noite de sábado, encontrando sua plenitude no romper da aurora, quando Cristo é lembrado como o Sol da Justiça, que traz a luz da nova vida, e a Igreja vive a experiência da madrugada da ressurreição e a convicção do túmulo vazio.

RESSURREIÇÃO DE CRISTO: LUZ, GLÓRIA E VIDA

Os variados relatos das

comunidades do século I d.C. – a ressurreição (Mt 28.1-20; Mc 16.1-8; Lc 24.1-12; Jo 20.1-18; At 1.14); Cânticos Pascais (Sl 113 ao 118 e Êx 12) – apontam para a celebração da vida que venceu a morte através do sacrifício de Cristo, pois as promessas divinas se cumpriram no tempo de Deus. Daí a escolha das cores branco ou amarelo-ouro, simbolizando a luz, a glória, a alegria, a vitória e a divindade de Cristo.

Portanto, toda a herança recebida e preservada pela tradição reformada reflete a história de uma igreja que procurou anunciar os atos salvíficos de Deus, através de uma liturgia que aponte sempre para a Mesa do Senhor, para a comunhão do seu povo.

A ÚLTIMA CEIA - ANDREA DEL CASTAGNO (1447). Esta pintura é uma das mais importantes representações do início do Renascimento. Situada no Convento de Sant'Apollonia, em Florença, a obra de Andrea del Castagno se destaca pela fidelidade ao estilo realista e pela composição dramática. Castagno também introduziu um estilo mais dinâmico, com gestos mais expressivos dos discípulos.



REPRODUÇÃO

A CEIA DO SENHOR: MEMORIAL DA PÁSCOA E COMUNHÃO COM CRISTO

“A Igreja é um povo, e esse povo deve manifestar-se por meio do ato de reunir-se (...) cada domingo participamos da Páscoa e do Pentecostes”

(Allmen, pág. 221).

A Igreja, desde o nascimento, fazia sua comemoração semanal, sempre no primeiro dia da semana. Somente começou a pensar em termos de anos após haver desaparecido a expectativa de uma “parousia” iminente. Todas as suas festas eram semanais, inspiradas na tradição judaica das festas como elementos pedagógicos, que visavam educar o povo de Deus.

Para os primeiros cristãos, a ordem de Jesus “fazei isto em memória” passava obrigatoriamente pela atitude de “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42). A Ceia era celebrada, portanto, semanalmente.

Toda celebração da Ceia é celebração da vida – da vitória de Cristo na cruz, pois um dos primeiros atos de Jesus após sua ressurreição foi sentar-se à mesa com os discípulos do caminho de Emaús e, agradecido, partir o pão.

A MESA DO SENHOR: SIGNIFICADO PROFUNDO DA COMUNHÃO

Cada culto semanal era uma oportunidade de trazer à memória a ação de Deus em favor da humanidade, para que a Igreja recordasse a caminhada de Jesus até a cruz, sua morte e ressurreição. Cada domingo é um dia de Páscoa, em que a Igreja celebra a vitória de Cristo sobre o poder da morte.

O imperativo de Jesus **“fazei isto em memória de mim”** é oportunidade de um olhar para a Mesa de forma totalmente diferenciada. A Mesa necessita ser observada com um olhar diferenciado. Por quê? Porque a mesa é lugar de aproximação, de transparência, de paladares diferentes, mas necessidades iguais. Todos os que se assentam à mesa para uma refeição desejam dela se alimentar. Ninguém dela deseja sair sem que suas vontades sejam satisfeitas.

A SIMPLICIDADE E PROFUNDIDADE DA CEIA

Na mesa expressamos sentimentos e emoções. Nossos gostos são provados e nossas necessidades, supridas. Por fim, a mesa é lugar de comunhão. Comunhão de uma família composta de diferentes, porém, com os mesmos objetivos, pois os elementos principais – pão e vinho – são iguais para todos.

O Mestre, ao utilizar pão e vinho para sua última refeição com seus discípulos, usou da simplicidade, porém, da profundidade pedagógica existente nestes

dois alimentos: primeiro, a simplicidade de sua existência. Pão e vinho estão presentes na natureza, e culturalmente sempre fizeram parte da mesa judaica. Não haveria dificuldade em encontrá-los. Eram conhecidos e desejados por todas as mesas. Pedagogicamente, Jesus inspira os seus discípulos a desenvolverem o sensorial. Através do olhar, do tocar e do paladar, o Mestre incentiva seus seguidores à capacidade de analisar as origens do trigo e da uva – suas histórias, como foram produzidos e

desenvolvidos até chegar à Mesa da refeição em forma de pão e vinho.

Em sua sabedoria, o Mestre deseja ensinar aos discípulos que sua caminhada até a cruz assemelha-se à caminhada do pão e do vinho até a Mesa – elementos da natureza, que passaram por profundas transformações até que pudessem chegar à mesa da refeição. Da mesma forma, sua vida “amassada” e “esmagada” tornou-se alimento para toda a humanidade, sendo impossível esquecer.

A Páscoa como Celebração da Vida

Estudar sobre o Calendário Litúrgico é um convite inevitável para que passemos pelo sacramento da Ceia do Senhor e nos assentemos à Mesa da Comunhão, recordando constantemente a morte e a ressurreição de Cristo. É uma oportunidade para refletir que todo domingo é domingo de Páscoa, que toda celebração da Ceia é celebração da vida – da vitória de Cristo na cruz –, pois um dos primeiros atos de Jesus após sua ressurreição foi sentar-se à mesa com os discípulos do caminho de Emaús e, agradecido, partir o pão.

Entre todas as festas da cristandade, a Páscoa será sempre a maior. Nela não há lugar para lágrimas de morte, mas sim festa da vida, representada na pessoa de Cristo Jesus e sua Mesa, seu banquete preparado para sua Igreja. A ressurreição de Cristo nos traz alegria de viver. Não há mais lugar para o cheiro da morte, mas sim para o aroma da vida.

Celebremos a Páscoa com alegria e profunda gratidão. Que esta Páscoa seja rica oportunidade para o ressurgir dos laços da vida, diante das crises do mundo. Deixemos Cristo ressuscitar em nós, Ele, a certeza da vida eterna.

Cristo: o maior dos profetas



CRISTO SOBRE AS ÁGUAS.
Pintura de Abraham Hunter retrata Jesus, nosso único intercessor, resgatando Pedro.

Cristo é o Profeta de Deus que veio ao mundo para evangelizar os pobres, proclamar libertação aos cativos, restaurar os cegos, libertar os oprimidos e dizer ao mundo que o tempo da salvação havia chegado. Cristo é o maior de todos os profetas. Assim seus ouvintes e seguidores o intitularam e os evangelistas registraram, baseados na manifestação do povo, que buscava seus ensinamentos e milagres (Mc 6.4; Mt 21.11; Lc 7.16; Jo 4.19).

Ao iniciar seu ministério, falou sobre sua missão profética. Utilizando palavras do profeta Isaías, resumiu todo o seu projeto em três grandes frentes de trabalho. Evangelizar, educar e comunicar são as três grandes colunas do ministério de Jesus, que profeticamente antecipou, quando de sua presença na sinagoga.

VEIO PARA EVANGELIZAR

Evangelho significa “boas novas, boas notícias”. A chegada do Mestre trouxe ao povo a oportunidade de escutar, antecipadamente, algo novo que renovava a esperança, in-

dicando um futuro melhor. O povo que vivia em trevas viu uma grande luz, pois notícias de vida surgiram em meio ao clima de morte.

VEIO PARA EDUCAR

Em todos os evangelhos Jesus é visto como sendo o grande educador. A palavra educar tem o sentido de conduzir o outro em direção à vida. Jesus anuncia, profeticamente, que veio educar os cegos e oprimidos da sociedade, dando-lhes a oportunidade de enxergarem a luz da vida e presenciarem a graça de Deus em meio à sombra da morte.

VEIO PARA COMUNICAR

O Mestre sempre se aproximou das pessoas anunciando algo novo, comunicando notícias do bem. Podemos evangelizar e não comunicar. No mundo existem muitos tipos de evangelho, das mais diversas religiões. É possível também que nossas notícias não tragam alegria e muito menos paz às pessoas que estão ao nosso lado, por ser um evangelho pessoal que não comunica a palavra de vida e restauração.

A plataforma de trabalho proposta por Jesus renovou a esperança e a vida de homens e mulheres de seu tempo. Seu olhar profético estava sempre à frente de sua época, observando o presente, mas com um olhar voltado para o futuro, sempre desejoso de uma mudança tanto pessoal quanto social do seu povo.

Jesus, como profeta, conhece nossa vida além do tempo presente. Conhece nosso coração e deseja que nosso futuro seja sempre por Ele orientado e conduzido, sob a orientação do seu Espírito. Que nesse tempo de Páscoa, possamos ter ouvidos atentos aos ensinamentos do Profeta Jesus, nascido em Belém. ■



REV. SILAS DE OLIVEIRA
Pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

Jesus basta: o ofício sacerdotal

“Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão” (Hebreus 4.14).

Na tradição cristã, um dos principais ofícios de Cristo Jesus é o do sacerdócio, além de profeta e rei. O sacerdócio é um ministério fundamental e muito valorizado em toda a Bíblia. A sua principal função era a mediação: ele era o mediador entre Deus e o povo; por meio dele e do que ele fazia, estabelecia-se a conexão entre Deus e as pessoas. Nesta condição, o sacerdote representava Deus para o povo e, da mesma forma, apresentava o povo diante de Deus.

Devido ao seu ministério, o sacerdote era compreendido e aceito como a pessoa central no culto a Deus. Sem ele, o culto não acontecia. **“Eichrodt resume a posição do sacerdote em Israel como ‘o mediador indispensável para entrar na esfera do divino’. Eles (os sacerdotes) são os guardiões das sagradas tradições do culto e do conhecimento de Deus”** (McKenzie, 1983, p. 818). Por sua vez, o sumo sacerdote era o líder da classe sacerdotal, o mais importante dos sacerdotes, sendo o único digno de entrar no “Santo dos Santos”, espaço sagrado do Tabernáculo e depois do Templo em Jerusalém, onde ficava a arca da Aliança e era realizada a cerimônia anual de sacrifício expiatório de um cordeiro sem mácula (Êx 26.31-34).

Três funções eram específicas ao sacerdote como mediador: interceder a Deus em favor do povo, pregar a Palavra e ensinar a Lei e, por fim, realizar os sacrifícios de louvor,

purificação e perdão dos pecados.

No Novo Testamento vemos que Jesus se tornou o sacerdote por excelência. O autor da Epístola aos Hebreus se refere a Jesus como o “grande sumo sacerdote”, e com razão. Por ser o próprio Deus encarnado, a plena revelação de Deus, o Filho de Deus, o Messias, o Ungido, Jesus é o nosso único mediador. Ele mesmo disse: **“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”** (Jo 14.6). Nosso acesso a Deus se dá somente em Jesus e por Jesus. Não precisamos e não temos sacerdote melhor, acima dEle, capaz de nos colocar diretamente na presença de Deus. Agora, nossa comunhão, oração e intercessão a Deus passam exclusivamente por Jesus. Nenhuma religião, nenhuma instituição, nenhum líder (seja pastor, pregador, profeta, apóstolo, bispo ou santo), ninguém é capaz de realizar perfeitamente a mediação entre nós e Deus. Jesus basta! Com a sua morte, Jesus rasgou o véu do “Santo dos Santos” que fazia separação entre nós e Deus (Mt 27.50).

Jesus é o “grande sumo sacerdote” não pelo fato de ter realizado qualquer sacrifício destinado aos sacerdotes, mas Ele mesmo se tornou o próprio sacrifício. Ele é o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. A sua morte na cruz é o sacrifício perfeito e suficiente para satisfazer a justiça divina, estabelecer o perdão dos nossos pecados e nos reconciliar com o Pai. Na cruz, Jesus nos comprou

com o seu sangue derramado e nos libertou do poder do pecado e da morte. Não é preciso sacrifício de nenhum animal, derramamento de sangue de quem quer que seja nem mesmo qualquer sacrifício da nossa parte a fim de recebermos o perdão de Deus, ficarmos livres de toda culpa, sermos reconciliados e desfrutarmos da comunhão com Deus. Jesus basta!

Por fim, como **“grande sumo sacerdote”**, Jesus intercede por nós junto a Deus. Depois da sua ressurreição, Ele **“subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai, Todo Poderoso”** (Credo Apostólico e Rm 8.34). Com isto, nossas orações, nossos pedidos, nossa confiança e a certeza de que Deus nos ama e escuta tudo o que falamos é e está assegurada em Jesus. Não precisamos mais de intercessores, de participação em campanhas, em correntes, de nada. Jesus basta! Ninguém melhor do que Ele para cumprir com o ofício sacerdotal em nosso favor. Tenhamos nossa fé fundamentada e fortalecida em Jesus, nosso “grande sumo sacerdote”. Louvado seja Deus! ■



REV. REGINALDO VON ZUBEN
Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

Jesus é o Rei dos reis

Nesta série de devocionais estamos meditando acerca dos três ofícios de Cristo: profeta, sacerdote e rei, e este tema tem muita particularidade para nós cristãos reformados, pois Calvino foi o primeiro reformador a tratar especificamente dos três ofícios de Jesus (Institutas, Livro II, Capítulo XV).

Como cristãos reformados, gostamos de sistematizar nossas bases bíblicas e com isso a nossa teologia. Por esta razão vale resgatarmos o que a Confissão de Fé de Westminster diz sobre os ofícios de Cristo: **“Aprove a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as coisas e o Juiz do Mundo; e deu-lhe desde toda a eternidade um povo para ser sua semente e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado.”** (CFW 8.1).

Essa é uma boa definição teológica com base bíblica, para compreendermos o tema sob a perspectiva da cruz, pois nós sabemos que Jesus cumpre a sua obra como sacerdote na cruz do Calvário, assim como nos mostra a verdade na condição de profeta e triunfa sobre seus inimigos e sobre a morte. Seu triunfo nos mostra que Ele é o Rei dos reis. Ele é o Cabeça e Salvador da Igreja! Isso é Palavra do Senhor para nossa vida, razão da nossa esperança.

Rei é sinônimo de poder, de destaque, de trono, de majestade, de soberania. Assim é Jesus, o nosso Rei. Neste ofício, Jesus é o nosso defensor, é o nosso governante. Esta é a grande mensagem diante deste importante ofício de Cristo. Trata-se de mensagem de vida e esperança para nós diariamente.

A Palavra de Deus nos afirma que Jesus reinará para sempre e seu reinado não terá fim (Lucas 1.33). Reflita sobre a sua vida, seus problemas e suas questões. Então pare um pouco, leia o texto bíblico e pense: qual é a razão da minha angústia? Por que estou em dúvida? A quem estou servindo? Jesus está acima de tudo, Ele está no comando da Igreja e da nossa vida. Ele é o nosso defensor, lembre-se disso! Pensar nos ofícios de Cristo nos ajuda a caminhar com fé e esperança no Rei dos reis.

Nós não servimos a presidentes, governantes deste mundo, a líderes religiosos ou quem quer que seja. Nós servimos a Jesus, pois Ele é o nosso verdadeiro Rei. Por isso, sempre que precisarmos, nós temos um defensor a recorrer. Jesus, o nosso mediador, está pronto para nos ajudar em todo o tempo. Mediante o seu poder, Ele está acima de qualquer problema, necessidade ou angústia. Ele reina sobre tudo e todos!

Este ofício de Cristo também me fez relembrar de um belo hino da Cantada “Deus Conosco”, que o nosso Coro Maestro João Wilson Faustini às vezes canta. Assim diz o hino: “Não há outro nome sobre o nome de Cristo, não há outro nome

sobre o nome do Senhor!”. É uma bela canção que nos conduz em louvor a Jesus Cristo, o Rei dos reis.

Diante da sua vida, lembre-se: não há outro nome sobre o nome de Cristo. Diante dos seus sentimentos e necessidades, lembre-se: não há outro nome sobre o nome do Senhor! Jesus como Rei nos sustenta, governa o mundo, defende a Igreja e nos faz triunfar pela sua Palavra, pois o seu reinado não terá fim. Esse é o nosso Rei Jesus. Que Ele seja o Rei da sua vida e da sua caminhada, para juntos triunfamos cantando para sempre que não há outro nome sobre o nome do Senhor! ■

“Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim.” (Lucas 1.33)



FELIPE COUREL
Licenciado para o ministério pastoral.

O processo de libertação

“Daqui em diante não torneis a dar palha ao povo, para fazer tijolos, como antes; eles mesmos que vão e ajuntem para si a palha. E exigireis deles a mesma conta de tijolos que antes faziam; nada diminuireis dela; estão ociosos e, por isso, clamam: Vamos e sacrifiquemos ao nosso Deus. Agrave-se o serviço sobre esses homens, para que nele se apliquem e não deem ouvidos a palavras mentirosas.” (Êxodo 5.7-9)

Durante um processo de libertação, passamos por momentos dolorosos. Todos nós, quando queremos e buscamos nos libertar de algo que tem destruído a vida, enfrentamos dificuldades ao longo do tratamento. Exemplo: Na libertação e luta contra o vício de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, temos reações até mesmo com o corpo. O corpo, devido à abstinência, parece entrar em erupção. Contudo, é importante continuarmos nessa direção e nos distanciarmos das drogas. As reações no corpo com a abstinência melhoram com o tempo e com o tratamento adequado.

O texto bíblico acima (Êxodo 5.7-9) relata um pouco sobre esse “processo de libertação” doloroso pelo qual o povo hebreu estava passando. Moisés e Arão foram até o rei do Egito (Faraó) pedir a libertação da escravidão; a fim de que a descendência de Israel pudesse ir até o deserto para adorar o Senhor Yahweh (Êxodo 5.1-4).

Faraó entende que por aquelas pessoas estarem “ociosas” é que desejam a libertação (como se dissesse: essa coisa de lutar e buscar liberdade é coisa de gente que não tem o que fazer). Tremendo preconceito de quem pensa assim: mal sabe o quanto é trabalhoso e custo-

so buscar libertação e tratamento.

O rei do Egito fez o contrário. No lugar de libertar, aumentou a carga e aprisionou mais ainda os hebreus. Cobrou a mesma produção, porém, agora, não daria nem mais a palha para queimar os tijolos. O povo, além de produzir os tijolos para as construções, precisava ir atrás de palha (Êxodo 5,7).

O importante disso tudo: Deus estava com os hebreus que buscavam livrar-se da escravidão. Nem o aumento da opressão foi capaz de parar o processo de libertação, a busca por uma nova vida, uma vida sem escravidão e sem morte. ■



REV. LUCAS SACCO
Pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo



PRESBITERIANO, COM MUITA HONRA

Texto **Dorothy Maia**

UMA PESSOA DE MÚLTIPLOS CONHECIMENTOS, AMPLA E SÓLIDA FORMAÇÃO ACADÊMICA, CARREIRA PROFISSIONAL DE SUCESSO, INTENSA VIVÊNCIA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO COMO ALUNO, PROFESSOR E PRÓ-REITOR: FERNANDO ATIQUE VIVE NESTE ESPAÇO RECONHECIDAMENTE INÓSPITO PARA OS ASSUNTOS DA FÉ, PRINCIPALMENTE A QUE TEM LIGAÇÃO COM O EVANGELHO.

Filho caçula de três irmãos, Fernando Atique nasceu em 1977 na cidade de Guariba (SP), e com 18 anos mudou-se para São Carlos (SP) para estudar na Universidade de São Paulo. Tem formação em Arquitetura e Urbanismo, mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e doutorado em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo. Foi professor, orientador, coordenador de curso e hoje é Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa na Universidade Federal de São Paulo. Nascido num lar presbiteriano,

envolveu-se com música na igreja desde muito cedo: com seis anos já cantava em conjuntos infantis, com 14, no coro misto, e com 21 era regente do coro da Igreja Presbiteriana de São Carlos. Em 2020 tornou-se membro da Primeira IPI de São Paulo: “assumi minha vocação independente”. Na Catedral Evangélica tem colaborado na área da música, como cantor do Coro Maestro João Wilson Faustini, e regente. Nesta entrevista que concedeu à **Visão**, Fernando Atique conta como tem testemunhado sua fé ao longo dos 30 anos de vivência na universidade.



A universidade é um espaço de liberdade intelectual e reflexão crítica. Nesse ambiente, ideias e visões de mundo, incluindo as religiosas e não religiosas, devem ser tratadas com respeito e pluralidade. Como você analisa a visão do corpo acadêmico em relação à fé cristã reformada? E com relação aos evangélicos em geral?

FA: A universidade é fundamental para a construção de uma sociedade melhor, pois pressupõe que, permitindo o debate e o acúmulo de repertórios, todos que ali estão poderão se beneficiar. O ambiente universitário, em tese, é altruísta. Mas, desde que as universidades existem, o ego e a disputa de poder ali estão. Assim como nas igrejas. Eu sou um presbiteriano que tem tendido, nos últimos anos, a deixar claro que prefere ser chamado

de protestante a ser classificado como “evangélico”. É uma carga pesada tomar esta decisão, mas ela me permite incluir no meu cotidiano algo que é essencial: sou alguém que procura nas fontes bíblicas, nas coerências das exegeses e no diálogo mostrar caminhos. Sou respeitado por isso, na imensa maioria das vezes, mas nem sempre. Ser protestante em um país em que os autopropalados evangélicos perseguem e impõem fantasias com cara de verdade bíblica muitas vezes me levou a ouvir chacotas e até mesmo questionamentos de minha inteligência. Mas eu gosto de me lembrar que a resposta branda desvia o furor. E mais: que refrear a língua me ajuda a preservar a minha alma. Tenho colegas que são de várias religiões. Convivo bem, mas não me seduzo pelo que

pregam. Ganhei respeito de vários, mas não de todos. Mesmo porque, quem opera a conversão é o Espírito Santo; eu sou apenas canal.

O histórico de intimidação não o desmotiva?

FA: Quando tenho a chance, testemunho claramente como penso. Mas não sou persecutório, e não gosto de perseguição. Esta equação de certa paixão avassaladora e de conversão a qualquer custo considero nociva não só dentro da universidade, que tem evangélicos querendo converter a todos de qualquer jeito, quanto nas ruas e nos templos, onde certas igrejas parecem achar que o constrangimento sela mudanças de vidas. Em tese, as religiões todas despertam paixões e geram vaidades. Sem coerência, na universidade ou no templo, isso é perigoso.

REGENTE

À frente do Madrigal, em culto no mês de janeiro na Catedral.



“**A universidade é fundamental para a construção de uma sociedade melhor, pois pressupõe que, permitindo o debate e o acúmulo de repertórios, todos que ali estão poderão se beneficiar.**”

Fernando Atique

Dentre suas atividades, em qual delas você tem mais facilidade em comunicar o evangelho?

FA: A minha vida profissional me permite, por testemunho e conduta, mostrar algo que considero fundamental para não ser fundamentalista: Cristo me guia, me molda e me dirige, mas não sou estereotipado nem repulsor de pessoas. Gosto de ouvir, aconselhar e conviver com colegas e alunos das mais diversas origens e histórias de vida que precisam desabafar e contar agruras. Muitos deles têm vindo à igreja que frequento nestes anos todos de convívio. Convído-os, sempre que tenho alguma oportunidade, e percebo que, muitas e muitas vezes, essas pessoas testemunham que algo falou fundo aos seus corações. Gosto muito de tentar viabilizar um

dos fundamentos dos que o Rev. Blackford e sua esposa Annesley se valeram enquanto organizavam a nossa igreja: o evangelismo indireto. Testemunhamos a Cristo, mas fazemos isso em situações diversas das “oficiais”.

O termo “doutrinação política” tem sido utilizado por críticos que acusam as instituições de ensino superior de promover uma visão política única, geralmente associada à esquerda, em detrimento da liberdade de pensamento e da pluralidade ideológica. Qual é a sua visão sobre este tema?

FA: Grande parte dos críticos atuais das universidades nunca esteve, de fato, numa, ou pior, se esteve, usou-a de maneira errada. Creio que a ideologia de se “ter um diploma” fez da experiência

transformadora da vida universitária uma espécie de caixa registradora. Preciso me “sacrificar”, vencer obstáculos – que entendem, na maioria das vezes, ser nós, os professores –, para ter meu pedaço de papel como troca de uma “operação”. O objeto de desejo é o papel e não o processo de entrar em contato com a pluralidade que a universidade tem a oferecer. Como gestor universitário, o tempo todo me deparo com visões de mundo e de universidade muito diferentes. Já fui chamado de burocrata inútil porque me recusei a continuar com um procedimento administrativo que não favorecia a imensa maioria da comunidade universitária, mas era mantido, mesmo tendo sido feito daquele jeito há décadas de forma automática, e a “clientela” estava acostumada. Modificar estruturas

é fundamental para tentar melhorar a experiência dentro do processo de formação. A universidade – e em especial a pública – é para todos! Mas ela precisa ser encantadora, não, como dizem, no sentido de entorpecer, derrubar e desvirtuar por meio de práticas condenáveis, ou uso de tóxicos ou impondo procedimentos chocantes, mas, sim, mostrando como ela pode permitir pensar, observar por outros ângulos e fomentar a tolerância e a troca de ideias.

E esta ampliação do pensamento, novos olhares e de troca de ideias são responsáveis pela negação da existência de Deus e de sua ação no mundo?

FA: Depois de 30 anos dentro da universidade afirmo que a gigantesca pecha de espaço corruptor e imoral que ela ganhou

não existe, nem haveria tempo suficiente para instalá-lo. A ideia de pensamento único é um conceito filosófico importante, pois tem sido usado – quase em um paralelismo bíblico – para dizer que existe uma verdade (que não é a bíblica), esta é a que todos precisam seguir. Na última década, esta suposta “verdade” sobre a universidade se moldou em torno da ideia de que gerações mais bem preparadas são instrumentos de corrupção moral, pois rejeitam a Deus. Eu rechaço esta ideia, pois é muito claro que quem mais estuda mais capacidade tem de perceber artimanhas e ações de lesa-pátria. Quem ama a corrupção, odeia, via de regra, quem a desmascara. Eu sou um homem que está na universidade, e eu estou com Deus desde sempre.

Quais foram os momentos mais difíceis na sua carreira que o fizeram buscar mais intensamente a presença de Deus?

FA: Comecei minha vida profissional em um momento de grande tristeza familiar. Estava vivendo situações difíceis e eu não tinha muitos proventos. Mas Deus foi abrindo portas, uma após outra. Outro momento de muita angústia foi quando meu orientador de doutorado faleceu, abruptamente, no meio do meu percurso formativo, e poucos meses antes de eu ir para os Estados Unidos, pela primeira vez na vida, para realizar pesquisa. Eu me sentia como que ejetado de um avião em pleno voo. Mas Deus me honrou e deu oportunidades que foram maravilhosas neste período. Mas até para que eu pudesse reconhecê-las e prová-las, tive de experimentar

amarguras que não tinha planejado. Nos últimos anos, a experiência da mudança brutal que o sistema de ensino sofreu, por conta da pandemia de COVID-19, me deixou muito fragilizado, mas vejo, agora, como aqueles meses a fio de angústia permitiram descobertas maravilhosas de superação profissional e de fé.

Você foi criado na Igreja Presbiteriana, mas hoje é membro - e bastante atuante - na Primeira Igreja Presbiteriana Independente. Como foi esta mudança?

FA: Durante minha vida de pós-graduando, tive a oportunidade de residir na cidade da Filadélfia, nos Estados Unidos, onde fui realizar parte da minha pesquisa de doutoramento na Universidade da Pensilvânia, e em arquivos como os da Presbyterian

Historical Society. Conheci a Universidade de Princeton, e me interessei em conhecer os lugares em que os missionários que trouxeram o presbiterianismo ao Brasil moraram. De volta ao Brasil, mudei de São Carlos para Campinas, onde fixei residência, e me tornei membro da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara. Ali, pude obter grandes perspectivas teológicas que me enriqueceram, e me deram a oportunidade de traduzir hinos, cantatas e também de colaborar com a música coral, como regente assistente na minha igreja, e em outras da denominação. Quando me mudei para São Paulo, em 2017, após ter residido no ano anterior em Nova York, para realizar pós-doutoramento na New York University, e de ter frequentado com assiduidade

“A minha vida professoral me permite, por testemunho e conduta, mostrar algo que considero fundamental para não ser fundamentalista: Cristo me guia, me molda e me dirige, mas não sou estereotipado nem repulsor de pessoas.”

Fernando Atique

“Tenho colegas que são de várias religiões. Convivo bem, mas não me seduzo pelo que pregam. Ganhei respeito de vários, mas não de todos.”

Fernando Atique



TIMOTHY KELLER (1950-2023) foi um pastor, teólogo e autor cristão reformado, conhecido por fundar a Igreja Redeemer em Nova York e por seus escritos sobre a fé cristã, cultura e evangelismo.

a Redeemer Presbyterian Church, fundada pelo saudoso pastor Timothy Keller, eu definitivamente percebi que minhas fé, noção de justiça social e cosmovisão denominacional tinham mais aderência à Igreja Presbiteriana Independente, do que à Igreja Presbiteriana do Brasil, onde nascera e crescera. Especificamente, a Primeira IPI de São Paulo conheci na minha juventude. Frequentei por anos os Seminários da Sociedade Evangélica de Música Sacra (Soemus) e pude ter aulas magníficas com os maestros João Wilson Faustini e Samuel Kerr. Em 2020, assumi minha vocação

independente, durante a pandemia, me tornei membro da Primeira Igreja.

O que o atraiu na Primeira Igreja?

FA: Nossa igreja une tradição e contemporaneidade em doses que me são muito caras. Eu sou um arquiteto, treinado para planejar o futuro, mas sou especialista em história, trabalho com cultura e patrimônio. A Primeira IPI de São Paulo tem isso, e não digo apenas em relação ao seu templo majestoso ou seus rituais, mas à sua forma de pensar e agir: é cristocêntrica, calvinista, dotada de justiça social e atualizada na percepção de como uma igreja

de 160 anos, no centro de uma das maiores cidades do mundo, ainda pode ser acolhedora, propositora de verdades milenares e corajosa em não flertar com os modismos religiosos.

E a música? Também teve influência nesta mudança?

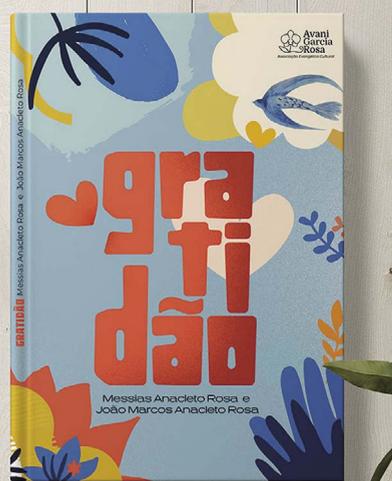
FA: Definitivamente, sou um músico não-profissional, mas constante no desenvolvimento musical e persistente no aprendizado. Meu ministério perpassa a música da e para a igreja. Eu sou grato por poder, há tantos anos, cantar, reger e por poder traduzir hinos. Colaborei por alguns anos com uma gravadora de cantatas e musicais,

do Rio de Janeiro, traduzindo obras que foram gravadas e difundidas Brasil afora. Na Primeira Igreja tenho podido colaborar na mesma linha e aprendido muito, pois tive a honra de interagir com irmãos em Cristo de importância inigualável, e que para mim, um homem nascido e criado no interior, é como um sonho que se tornou realidade. Deus é surpreendente mesmo e eu sou grato pelas surpresas que Ele tem me dado.

Você foi indicado pelo Conselho da Primeira Igreja para fazer parte do Conselho de Curadores na Fundação Presbiteriana de

São Paulo. O que isto significou para você?

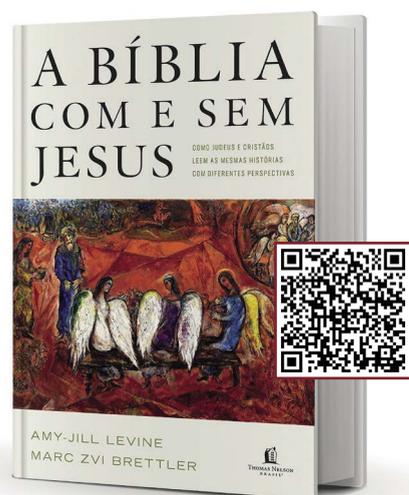
FA: Minha indicação foi uma grande surpresa, e, ao mesmo tempo, um privilégio. A Fundação tem uma importância imensa para algo que, como cristão reformado, eu prezo: garantir uma vida digna, modificada pelo ensino, e coroada com a oferta de dignidade humana se reconectando com uma vida plena. Estas três dimensões, que estão no âmago das ações da fundação, me deixam muito feliz. Espero poder colaborar com a Fundação, na medida em que ela, por meio de seus dirigentes, me enxergou como alguém apto a contribuir. ■

**GRATIDÃO**

Messias Anacleto Rosa e João Marcos Anacleto Rosa

O Reverendo Messias, pastor de longa e bonita história na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, instituições de ensino e de ação social, é respeitado e amado por todos que o conhecem. Pela graça de Deus ele permanece ativo no trabalho pastoral, agora com uma série de livros de temática cristã, publicados pela Associação que leva o nome da sua esposa, dona Avani Gracia, falecida em 2021. Detalhe: os livros são digitais e gratuitos. O livro "Gratidão", escrito em conjunto com seu filho João Marcos, é um pequeno exemplar com 31 preciosas mensagens devocionais sobre o tema da gratidão pela vida, pela graça, pela cura, por lutas, por vitórias e tantas outras, inspirados pelo texto bíblico "em tudo dai graças" (1 Tessalonicenses 5:18). É de fato uma leitura preciosa, em que ouvimos a voz de Deus pelas letras do querido Rev. Messias e seu filho. Um privilégio podermos compartilhar desta leitura. Recomendo!

R\$ 00,00 na www.avanigarciarosa.com.br

**BÍBLIA COM E SEM JESUS**

Amy Jill- Levine e Marc Zvi Brettler

O título pode chamar atenção e faz sentido, pois traduz a essência desse livro que é um grande convite à reflexão sobre Jesus na Bíblia. Os autores tratam de interpretações históricas, literárias e teológicas de conhecidas passagens bíblicas para demonstrar o seu contexto de origem e como cristãos e judeus entendem o mesmo texto bíblico. É de fato muito interessante, pois enriquece as possibilidades de interpretação e nos auxilia a reafirmar nossas convicções de fé cristã. Os autores dizem que a leitura "ajuda-nos a ver a Bíblia como fonte de inspiração para todo e qualquer leitor" e penso que eles são felizes nessa definição, pois existe diálogos entre as religiões abraâmicas e neles Jesus é fundamental. Para nós, cristãos, Ele é o Nosso Salvador, o que torna essa leitura ainda mais recomendável nos tempos da Páscoa.

R\$ 39,10 na amazon.com

Nunca foi tão desafiador manter a mente sã.

"E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus." (Romanos 12,2)

Leia os livros do teólogo, psicólogo e pastor Leontino Farias.

- O autoconhecimento na clínica da Psicanálise Humanista
- A formação do caráter- Visão de Erich Fromm
- A Psicanálise em movimento
- Reencontre a alegria de viver
- Faça seu casamento dar certo
- Para enriquecer sua espiritualidade
- Lidando com os conflitos da vida

Escreva para: leontinofarias@hotmail.com.br

WhatsApp: 11 99596.3275



Transforme vidas com um simples gesto.

Uma única doação
de sangue pode
salvar até 4 vidas.

Esse ato de solidariedade é
capaz de mudar o destino de
pessoas em momentos críticos.
Doe sangue hoje e seja a
esperança que alguém precisa.

www.prosangue.sp.gov.br



PRÓ SANGUE
HEMOCENTRO DE SÃO PAULO

Secretaria de
Saúde



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO